



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º GRAU CANÓNICO)**

**LUIS CARLOS MOREIRA DA MOTA**  
**ECOLOGIA HUMANA: UM APELO DO MAGISTÉRIO**  
**PAPAL**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor José Pedro Lopes Angélico

**Porto**  
**2018**

## RESUMO

Nas últimas décadas, as preocupações ambientais foram surgindo no seio das agendas sociais e políticas. De uma preocupação estritamente ambiental, paulatinamente foi-se caminhando para o conceito de ecologia enquanto conceito global. A Igreja foi acompanhando este caminho, fazendo também a sua reflexão. O Magistério contribuiu enormemente para a forma como hoje se aborda o problema ecológico. Desde as ciências naturais, à política, à economia e à teologia, a ecologia está claramente na ordem do dia, e é necessário reeducar a sociedade, para todos juntos sermos cooperadores da preservação da Criação, da Casa Comum.

**Palavras-Chave:** Ética ambiental; Educação Ambiental; Ecologia; Ecologia Humana; Meio Ambiente.

## ABSTRACT

In the last few decades, environmental issues have arisen within social and political agendas. From a strictly environmental concern, the concept of ecology gradually progressed towards a global concept of ecology. The Church has been following this path, also reflecting on it. The Church Teaching has largely contributed to how the ecological problem is being addressed nowadays. From the natural sciences, politics, economics and theology, ecology is clearly on the current agenda and it is necessary to re-educate society, so that we all could be cooperators in the preservation of Creation, i.e., the Common House.

**Key words:** Environmental Ethics; Environmental Education; Ecology; Human Ecology; Environment.

## INTRODUÇÃO

Na Era da globalização e do avanço tecnológico, num tempo em que os interesses políticos e económicos continuam a despontar novas guerras, diante da gravidade do desequilíbrio climático e dos atentados à vida nas suas variadas formas, pareceu-nos oportuno refletir sobre a temática ecológica.

O trabalho que seguidamente apresentamos intitula-se: *A ecologia humana, um apelo do Magistério Papal*. Neste procuraremos fazer um percurso temático, que nos leve a compreender a génese e evolução do conceito de *ecologia humana*, e a sua conseqüente compreensão como *ecologia integral*. Para este percurso recorreremos ao Magistério da Igreja, nomeadamente no que à sua Doutrina Social diz respeito.

O nosso trabalho está estruturado em três capítulos, dividindo-se estes em subcapítulos, que explicitam conteúdos concretos da matéria estudada. No primeiro capítulo, a que chamámos *Situação atual do problema*, procurámos fazer uma aproximação ao conceito de ecologia em si, indo ao encontro da sua vertente mais ligada às ciências ditas naturais, passando pela compreensão filosófico-teológica de alguns autores chamados clássicos, por *uma perspectiva bíblica*, sumamente importante para compreender a problemática ecológica à luz do mistério cristão, terminando com uma breve reflexão sobre a dignidade do ser humano e a sua importância para a questão ecológica.

No segundo capítulo, *o percurso e a reflexão sobre o conceito de “Ecologia humana” no Magistério Papal e a sua conseqüente sistematização*, fomos ao encontro das fontes do Magistério, desde o pontificado de Leão XIII até ao pontificado de Bento XVI. Procurou-se dar ao leitor uma perspectiva ampla, ainda que sintética, do despontar e da evolução do conceito em estudo, até ao Magistério emanado por João Paulo II. Demos ainda a atenção devida aos sinais, que no II Concílio do Vaticano fariam antever a reflexão das últimas quatro décadas. Procurámos apresentar, posteriormente, a síntese considerada adequada do pensamento de João Paulo II e de Bento XVI a este respeito. Por fim, achámos por bem considerar a sistematização apresentada pelo Catecismo da Igreja Católica e pelo Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Estes dois textos constituem um importante apoio catequético, doutrinal e pastoral, dos quais não nos poderíamos apartar, para terminarmos este mesmo capítulo.

Após o percurso desenhado no segundo capítulo, tornou-se imprescindível uma referência mais ampla ao Magistério do Papa Francisco, nomeadamente após a publicação da Carta Encíclica *Laudato Si'*. Desta forma, julgámos oportuno dedicar o último capítulo à referida Encíclica, enquanto claro apogeu do Magistério, no que à matéria estudada diz respeito.

Veremos que a *Laudato Si'* constitui efetivamente uma suma doutrinal e pastoral, no que se refere à questão ecológica.

Assim sendo, ela foi protagonista, nos meios eclesiais, sociais, políticos e económicos, de um conjunto de reflexões, encontros e publicações. Por isso, pareceu-nos adequado intitular o terceiro capítulo de “*Laudato Si' – A emergência do Apelo*”. Num primeiro momento, fizemos uma resenha daquelas que são as perspetivas da Encíclica, percorrendo os seus seis capítulos e enunciando sumariamente aquilo que está presente em cada um deles. Por fim, dedicámos algumas páginas à questão da receção do pensamento do documento e, claro, ao apelo que nela está contido e que denota a emergência da mensagem. Recorremos, para além daquela que é a nossa leitura, a um conjunto de autores, de cunho nacional e internacional, que nos ajudaram a percorrer os conteúdos do texto papal. Desta forma, julgamos que o leitor fica com referências muito concretas de alguns possíveis analistas e intérpretes da questão em estudo, nomeadamente no que à *Laudato Si'* diz respeito.

O leitor encontrará uma breve síntese a abrir cada capítulo, bem como uma organização e linguagem, que propositadamente quisemos que fosse simples e acessível, pois este tema não diz respeito somente às elites do pensamento académico e político; é um problema de todos, e a ser solucionado por todos. A *Casa* só será *Comum*, quando também comuns forem os sentidos de procura de entendimento e resolução da problemática.

## **CAPÍTULO I - SITUAÇÃO ATUAL DO PROBLEMA**

No primeiro capítulo do nosso trabalho, propomo-nos a apresentar um itinerário abrangente, ainda que sumário, da questão ecológica. Este itinerário pretende fazer uma aproximação ao problema em si, explicitando numa primeira fase aquilo que se entende por ecologia.

Um breve percurso pelo contributo de alguns autores clássicos, bem como a origem do termo no meio socio-académico, ajudar-nos-ão a entrar na problemática e a compreender que ela, ainda que sob diferentes perspetivas, tem vindo a ser objeto de preocupação e reflexão ao longo da história.

Ainda que o tema do trabalho possa aparentemente sugerir uma reflexão exclusiva e alargada no campo filosófico-teológico, não podemos, de modo nenhum, evitar as referências e as preocupações sociopolíticas, que do tema advêm. Assim, a introdução da questão da dignidade do ser humano torna-se fundamental, para compreender o cerne da problemática, seja a partir da visão filosófico-teológica, seja na dimensão sociopolítica. A este percurso, antecedemos uma abordagem no campo bíblico. A perspetiva que nos é dada pela Sagrada Escritura ajudará a centralizar a questão, no que consideramos essencial para a abordagem do problema.

Para a construção do corpo textual, tivemos por base um pequeno grupo de autores e de manuais, que nos acompanharam ao longo da nossa formação teológica; por exemplo Luís Carvajal em matéria de teologia moral social, ou António Couto, na aproximação à perspetiva bíblica. Outros artigos pontuais foram objeto de leitura e análise, encontrando-se citados ao longo do texto.

## 1.1 - Aproximação conceptual à problemática da ecologia

A ecologia é mormente conhecida como um dos ramos da biologia, que estuda as relações entre os seres vivos e o habitat, onde estes se encontram.<sup>1</sup> É uma ciência interdisciplinar, que envolve botânica, biologia molecular, zoologia, taxonomia, fisiologia, genética, antropologia, sociologia, meteorologia, geologia, física, química, matemática e informática, etc.<sup>2</sup>

Esta área, derivada da biologia, surge no século XX, com o objetivo de conciliar o crescimento económico com a preservação ambiental.

A palavra Ecologia deriva de duas palavras gregas: “**oikos**”, que se traduz por casa, e “**logos**”, que aqui traduziremos por estudo. Esta surgiu no contexto do pensamento do biólogo Ernst Haeckel, darwinista alemão, que em 1866 a utilizou para representar a relação entre os seres vivos e o meio ambiente orgânico e inorgânico, ou seja, o modo como os seres se relacionam e habitam na casa comum.

Para melhor compreendermos o nosso trabalho, importa, desde já, fazer uma distinção entre ecologia e ambientalismo. O ambientalismo orienta de forma racional a atividade do Homem sobre o meio ambiente; a Ecologia, enquanto conceito global, compreende um amplo envolvimento político, social e económico.

O pensamento de Haeckel não teve inicialmente a ressonância devida. Contudo, em 1962 Rachel Carson viria a dar impulso ao movimento ambientalista, com a publicação da obra *Silent Spring*.<sup>3</sup> Como dissemos anteriormente, é necessário não confundir ecologia e ambientalismo, pois, no senso atual, tem-se por hábito considerar como ambientalista alguém que defende a proteção do ambiente, e como ecologista alguém cientificamente especializado na área da biologia. Deste modo, tem-se entendido a ecologia como uma disciplina, que estuda estritamente as relações dos organismos entre si e o meio ambiente. Serve tudo isto para afirmar, que o conceito de ecologia concordante com o Magistério atual da Igreja é bastante mais amplo, e será apresentado ao longo deste trabalho. A esse conceito damos o nome de ecologia integral.<sup>4</sup>

Joaquim Cerqueira Gonçalves explicita com clareza, que a cultura ocidental está profundamente marcada por um movimento cíclico e alternante: seja por linhas de pensamento

---

<sup>1</sup> Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL SANTABÁRBARA, Luís, *Entre la utopía y la realidad. Curso de Moral Social*. Santander: Sal Terrae, 1998, 181.

<sup>2</sup> Cf. FABIÃO, Manuel António; LOUSÃ, M., Ecologia. In *Enciclopédia Verbo – Luso Brasileira de Cultura*. Lisboa; São Paulo: Verbo, vol. 3, 1993, 1155-1162.

<sup>3</sup> Cf. CARSON, Rachel, *Primavera Silenciosa*. Barcelona: Koobet, 2013, *apud* CARBAJO NÚÑEZ, Martín, *Ecologia Franciscana. Raízes da Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco*. Braga: Editorial Franciscana, 2016, 33.

<sup>4</sup> Cf. CARBAJO NÚÑEZ, Martín, *Ecologia Franciscana*, 33-34.

dito nostálgico, que procuram o regresso a uma vida natural originária, distanciando-se da técnica da época moderna, seja, por outro lado, a procura de um distanciamento da natureza, interpretando esta como uma instância retardadora do progresso.<sup>5</sup>

Atualmente, os estudos ecológicos orientam-se na procura de soluções para os ambientes, que foram sendo alterados ou destruídos pelo ser humano, em vista à sua sobrevivência, ainda que cada vez mais se reconheçam os limites, que o paradigma tecnocrático colocou a uma visão integral da problemática ecológica.

Remontando aos primórdios da humanidade, podemos perceber que o homem tinha “hábitos” ecológicos, tomando a atitude de observar tudo o que o rodeava, para que pudesse interagir com os ecossistemas, usufruindo assim dos benefícios da natureza, chegando, por exemplo, à descoberta do fogo, dando assim um grande passo no avanço da humanidade.

Ao longo dos tempos, muitos foram os que contribuíram para o desenvolvimento das “ciências naturais”, embora, como já referimos, a denominação de ecologia, a partir de Ernst Haeckel, tenha surgido mais tarde.

A importância da questão, ao longo da história, passou sempre pela senda dos autores clássicos da Filosofia. Não nos detendo sobre esse percurso em concreto, é justo fazer breves referências, tendo consciência de que, por exemplo, “embora a filosofia grega não se tenha dedicado de modo especial à questão do meio ambiente, a concepção grega de integração do ser humano com o mundo natural é considerada um dos pontos de partida do pensamento ecológico contemporâneo”.<sup>6</sup>

Aristóteles, por exemplo, foi um dos primeiros a deixar um registo escrito, relatando as relações dos organismos entre si e com o meio envolvente. Recordemos a quarta parte da *Ética a Nicómaco*, na qual está presente a sua ideia de que o ser humano deve ser visto como um ser integrado no mundo natural, ou seja, como parte da natureza, bem como a sua concepção de que o saber técnico, *téchne*, por meio do qual o ser humano interage com o meio ambiente, deve ser subordinado à decisão racional e ao saber prudencial.<sup>7</sup> Assim refletiu o filósofo grego a ideia de natureza numa perspetiva orgânica global – cosmos, universo, mundo, criticando os autores pré-socráticos, que baseavam o seu estudo na causa material – água, terra, fogo, ar. Aristóteles

---

<sup>5</sup> Cf. GONÇALVES, Joaquim Cerqueira, *Cosmologia*. In MERINO, José; FRESNEDA, Francisco, coord., *Manual de Filosofia Franciscana*, Madrid: BAC, 2001, 209.

<sup>6</sup> Cf. MARCONDES, Danilo, *Aristóteles: ética, ser humano e natureza*, in CARVALHO, Isabel; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel, orgs., *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006, 36. <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf> (17 de outubro de 2017, 15h30).

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, 36.

procurou mostrar nesta crítica, que o pressuposto dos filósofos pré-socráticos não salvaguardava as diferenças qualitativas das diversas substâncias.<sup>8</sup>

O pensamento boaventuriano, no que a isto diz respeito, é de nobre referência, a partir do conceito da metafísica e daquilo a que se chama de exemplarismo de Boaventura. A filosofia reflete sobre a aproximação à realidade; contudo, a realidade em si é complexa e múltipla, ou seja, diversa. Nesta lógica, surge a questão de explicar a relação entre o diverso e o complexo, ou seja, entre o uno e o múltiplo, entre o Criador e a criatura, o humano e o Divino.

A metafísica é a ciência do ser enquanto tal, e, desta forma, questiona-se também sobre a relação entre os próprios seres, sobre a relação dos seres com Deus e de Deus com o mundo.

Na medievalidade, esta questão surgiu e teve da parte de São Boaventura uma reflexão, que procurou ser uma visão dita integradora. O ser de Deus, ser originário e a criatura, participativa, imagem e semelhança, como se relacionam?<sup>9</sup> Esta reflexão interessa-nos, na medida em que compreendemos a ecologia, enquanto conceito integral, a partir da Ideia de criação, do Homem ser criado e corresponsável pela mesma criação. O pensamento de Boaventura não explicita esta lógica, anteriormente referida; contudo, pela sua tese exemplarista, que explicaremos mais adiante, ajuda-nos a compreender a relação do Homem com Deus e, por conseguinte, as suas consequências.

O exemplarismo boaventuriano tem sobretudo a intenção de sublinhar as semelhanças e a relação íntima, que existe entre Deus e as criaturas. “O exemplarismo é a doutrina das relações de expressão, que existem entre as criaturas, tal como são em si mesmas, e tal como são em Deus ou no Verbo. As coisas estão em Deus, como ideias exemplares.”<sup>10</sup>

Na ideia de semelhança propriamente dita, está entendida, a partir da inteligência, a imitação do ser exemplar. Boaventura apresenta-nos três tipos de semelhança: a chamada *unívoca*, que não é possível entre Deus e as criaturas, a de *imitação*, que implica uma semelhança da criatura com o Criador, e por princípio o conhecimento, e a relação que Deus tem com ela, e a *exemplar* que destaca a razão exemplar entre o Criador e a criatura.

Boaventura elabora a sua própria cosmologia. Deus não tem necessidade das criaturas. A existência destas deve-se ao facto de Ele as amar, e de ser necessário difundir-se o Bem de forma gratuita a tudo o que existe.<sup>11</sup> A vocação ontológica dos seres criados consiste “em

---

<sup>8</sup> Cf. GONÇALVES, Cosmologia, 209 - 212.

<sup>9</sup> Cf. MERINO, José, Metafísica. In MERINO, José; FRESNEDA, Francisco, coord., *Manual de Filosofia Franciscana*, 96.

<sup>10</sup> *Ibidem*, 97-98.

<sup>11</sup> Cf. *Ibidem*, 98-99.

manifestar a razão do seu ser e do seu existir, ou seja, ser testemunho da bondade de Deus. Em reconhecer e expressar esta finalidade intrínseca está a sua própria utilidade”.<sup>12</sup>

O Homem, ser criado, aspira à aprendizagem de viver a amizade divina, que sustém a sua natureza quebrada, ou seja, o Homem é chamado a viver o bem. Ao Homem é dada a Possibilidade, essa Possibilidade é o Filho de Deus, Jesus Cristo. A teologia boaventuriana, profundamente cristocêntrica, vê a pessoa de Jesus como meio de toda a busca e de todo o encontro. É de Jesus que aprendemos a “cointuir” a essência do Mistério Trinitário. Neste sentido, o Homem é convidado a fazer a experiência, contemplação do amor, da beleza e da bondade de Deus nas outras criaturas. O Homem é visto como *Homo Viator* (Homem peregrino). Esta leitura antropológica vê o Homem como um ser a caminho, que foi criado e que procura convergir, assemelhar-se e aprofundar o Mistério Trinitário. Saber-se criado ilumina o Homem, pois fá-lo ter consciência da sua vocação de filho e de irmão, que nasceu do ato criador, que é imagem e semelhança Divina, e desta forma é um ser de relação.<sup>13</sup>

A filosofia medieval contaria também com o contributo de Tomás de Aquino nesta matéria. A preocupação Tomista passará pela ideia de a presença de Deus ser perceptível nas criaturas e no seu íntimo, sem que isto implique o condicionamento da autonomia das realidades terrestres. Para São Tomás, esta presença é o sinal da continuação da ação criadora de Deus no Mundo.<sup>14</sup>

Merino reconhece na obra “Ecologia Franciscana, Raízes da Encíclica *Laudato Si*’ do Papa Francisco”, que a cultura ocidental está profundamente marcada por uma tendência dualista que vem já do pensamento cartesiano. Para Descartes, a essência do ser humano estava na sua capacidade de pensar (*res cogitans*), enquanto o corpo pertence a outra categoria de substâncias (*res extensa*). Isto acabaria por dar origem a duas tendências distintas, na compreensão do que é o ser humano. O idealismo, centrado na racionalidade, no pensamento subjetivo, colocando de lado a dimensão corpórea, e, por outro lado, o chamado materialismo, que reduz o ser humano à materialidade corporal. O que observamos na modernidade, ou seja, uma tendência antropocêntrica, aprisiona o homem, negando-lhe a sua dimensão espiritual, reduzindo-o a uma interpretação estritamente biológica.

O pensamento da Escola Franciscana, também segundo Merino, contribuiu para a superação do dualismo antropológico, que predominou no ocidente e acabaria por ser um

---

<sup>12</sup> MERINO, José, Metafísica, *Manual de Filosofia Franciscana*, 96.

<sup>13</sup> Cf. LÁZARO PULIDO, Manuel, “Un lema bonaventuriano: ‘Jesus Cristo y Bien’. La creación como lugar del amor de Dios”. *Salmanticensis*. 58: 2 (2011) 236-239.

<sup>14</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 104, art. 1.

obstáculo para a compreensão da ecologia, enquanto conceito global, entendido como *ecologia humana integral*.<sup>15</sup>

A chamada ética tradicional pressupunha que “a fragilidade da vida era somente da vida humana, sendo que a natureza cuidara de si mesma, e, desse modo, não necessitaria do cuidado ético e humano.”<sup>16</sup> A ética estava reduzida a um plano antropocêntrico. No decorrer da história, é no século XVI que, com a obra *Novum Organum*, de Francis Bacon, esta perspectiva antropocêntrica ganha ainda mais relevo. A filosofia Baconiana, tida como precursora da modernidade, permitiu que se olhasse para o Homem como ministro e intérprete da natureza. Desta forma, Bacon reforçaria a ideia de que a natureza não possui uma teleologia, nem uma moralidade, que permitisse ao Homem agir, para que dela extraísse o que bem entendesse, ainda que isto implicasse explorá-la, dado que se compreendia a natureza, enquanto matéria “morta”, como disponível para a manipulação humana. Segundo os autores do artigo *Crise ambiental e crise ético-moral na perspectiva da Laudato Si'*, que seguimos, a filosofia de Francis Bacon poderá mesmo ser considerada o símbolo do pensamento ocidental.<sup>17</sup>

O século XVIII, marcado pela filosofia Kantiana, veria esta questão abordada, por exemplo na *Crítica da Faculdade do Juízo*:

“Esta terceira Crítica de Kant está centrada no princípio de vida como ideia articuladora de um organismo, por exemplo, também no caso do ser humano pensado como animal-racional. Convém ressaltar que a experiência estética tanto articula mediante o juízo – que é um talento, que se desenvolve na prática e não na escola – a teoria e a prática, quanto integra o homem no mundo. Mediante tal espécie de juízo, o homem sente-se em casa na Terra. Pelo desenvolvimento do sentido de gosto, ele aprende a amar a natureza e a vida, e, portanto, a cuidar dela.”<sup>18</sup>

Kant, que contribuiu de forma bastante significativa para a chamada ética moderna, afirmaria que a forma de pensar oriunda da filosofia de Bacon fez com que os seres vivos presentes na natureza fossem tratados como coisas. Kant daria um passo significativo, ao desenvolver a ideia de que os seres, “cuja existência depende da natureza, têm um valor relativo como meios e, por isso, se chamam coisas, ao passo que os seres racionais se chamam pessoas, porque a sua natureza os distingue, como fins em si mesmos.”<sup>19</sup>

Já no século XX, Hans Jonas viria a defender que o caminho de reconciliação com a natureza e a conquista da chamada harmonia cósmica só seria compreendido e alcançado à luz de uma nova visão do Homem. Uma visão que tivesse em conta a sua totalidade, a sua unidade

---

<sup>15</sup> Cf. CARBAJO NÚÑEZ, MARTÍN, *Ecologia Franciscana*, 174-175.

<sup>16</sup> PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor, “Crise ambiental e crise ético-moral na perspectiva da Laudato Si'”. *Iberoamericana de Bioética*, 4 (2017) 1-12.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, 4-5.

<sup>18</sup> Cf. ROHDEN, Valerio, Kant: o ser humano entre natureza e liberdade, in CARVALHO, Isabel; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel, orgs., *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*, 114.

<sup>19</sup> PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor, “Crise ambiental e crise ético-moral na perspectiva da Laudato Si'”, 5.

corpo-espírito. O filósofo alemão, autor da obra *Pour une éthique du futur*,<sup>20</sup> olha o Homem como um ser instintivo e com necessidades, mas dotado de espírito. Pelo espírito, o Homem transcende a natureza, e pelo corpo nela toma parte. Sendo o Homem, um Homem de necessidades, Jonas defende que o Homem tem procuras incessantes de respostas a essas mesmas necessidades, conduzindo isto a uma lógica *despesista* na qual são repercutidas as agressões à natureza.<sup>21</sup>

Numa lógica de responsabilidade, Hans Jonas defende que toda a ciência humana, nomeadamente a economia e a política, deve fazer justas preposições para um *orçamento* equilibrado entre o Homem e a natureza. É na contemporaneidade o filósofo que aborda a questão claramente, a partir da visão de uma *ética do futuro*, alertando para a eminente angústia que suscita ao Homem a consciência do estado em que se encontra a natureza e as demais realidades terrestres. Esta lógica é denominada de *Heurística do medo*.<sup>22</sup>

Retomando a perspectiva não estritamente filosófica, na senda do século XX, muitos ecólogos dedicaram-se a concretizar a importância das relações entre os diferentes seres vivos e os ecossistemas existentes. Contudo, as ações do ser humano sobre os ecossistemas e, conseqüentemente, sobre a biosfera são evidentes, no que respeita às alterações significativas do ambiente. Deste modo, podemos afirmar que a humanidade, estando inserida na natureza, tem sobre ela uma capacidade de adulteração e transformação significativa.

Defrontando tantos problemas decorrentes da crise ecológica, que começámos a viver, confirma-se que nos diversos sectores que constituem as sociedades, e que direta ou indiretamente estão interessados no cuidado da criação, há uma tomada de consciência em relação ao problema da ecologia, com o objetivo de se alcançar um modo mais eficiente e eficaz de salvar a nossa casa comum.<sup>23</sup> Neste sentido, justifica-se a quantidade de movimentos ecológicos, que ao longo dos últimos anos foram surgindo, empenhados em lutar pela preservação do meio ambiente, cujos objetivos são alcançar mudanças globais em estruturas sociais, económicas e culturais.

A contaminação e escassez de recursos naturais, a extinção de espécies animais e vegetais, a desertificação, a aglomeração de resíduos industriais perigosos e chaminés que

---

<sup>20</sup> Cf. HANS, Jonas, *Pour une éthique du futur*. Paris, Payot et Rivages, 1998, 59-60, *apud* VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”. *Theologica*. 2ª Série, 38, 2 (2003).

<sup>21</sup> Isabel Varanda, no seu artigo “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, explicita o seguinte: “Jonas atribui ao espírito o dinamismo prático que desde sempre «dispõe do corpo» e está ao «serviço do corpo», de maneira quase exclusiva. Espírito este que, numa ambivalência de função e de intervenção, assegura ao corpo a melhor satisfação das suas necessidades, ao mesmo tempo que suscita outras e novas necessidades. (...) Assim, «o espírito fez do homem a mais voraz das criaturas»”, in VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, 292-293.

<sup>22</sup> Cf. *Ibidem*, 294-295.

<sup>23</sup> Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis, *Teología da la Creación*. 2ª ed. Santander: Sal Terrae, 1986, 188.

libertam nuvens densas e ricas em gases tóxicos, são alguns sinais gravíssimos, que encontramos na base da crise ecológica. Muitos são os países, que sofrem já problemas de falta de água e outros recursos, à esfera planetária, lamentando-se também outras consequências, reflexo da degradação do meio ambiente.

Felizmente, ao longo do tempo, as iniciativas que se têm tomado, no sentido de despertar a sensibilidade das sociedades para o problema ecológico, têm surtido algum efeito.

Constatamos que a humanidade tem gradualmente despertado para a necessidade da conversão do seu estilo de vida, e que surgiram iniciativas de interação entre a natureza e o Homem. No mundo hodierno são muitos os que não passam indiferentes à necessidade de preservar o meio ambiente com atividades tão simples como a reciclagem, o tratamento de águas, óleos, entre outros.

Deste modo, poucos vão sendo aqueles que ignoram o facto de aos poucos estarmos a destruir os diferentes ecossistemas, fruto do nosso mau uso dos recursos, que nos são oferecidos pela natureza. E todos vamos tomando consciência de que uma continuada e progressiva degradação da natureza nos levaria inevitavelmente a um colapso ecológico.

Isto torna-se evidente, quando percebemos que, “sobre recursos finitos, não podemos ter uma atitude de consumo indefinido.”<sup>24</sup> Neste contexto, não podemos ser indiferentes àquilo que se denomina de progresso industrial, este é, na opinião de Luis Carvajal, o maior pesadelo que surgiu à face da terra, até aos dias de hoje.<sup>25</sup>

Contudo, não podemos condenar arbitrariamente o progresso industrial, dado serem indiscutíveis os seus benefícios; ainda assim, o problema surge, precisamente quando este desenvolvimento tem mais consequências negativas do que positivas.

Consideremos ainda aquilo que se pode chamar de ética ecológica. Esta propõe uma utilização sóbria das realidades criadas, para dar resposta às necessidades humanas.

A partir daí, faz-se um apelo constante, diário e urgente ao cuidado pela natureza. No que a isto diz respeito, e sem banalizações convencionais da expressão, o “amanhã é sempre tarde.”<sup>26</sup>

Neste sentido, somos permanentemente chamados à reflexão, de modo a que fique bem definida a origem do problema e se possa implementar uma solidariedade geracional. Assim, é necessário caminhar no sentido de alcançar a profundidade de um sistema de valores, que se

---

<sup>24</sup> GOLDSMITH, Edward, *Manifiesto para la supervivencia*. Madrid: Alianza, 1972, 14, *apud* GONZÁLEZ-CARVAJAL SANTABÁRBARA, Luís, *Entre la utopía y la realidad*, 185.

<sup>25</sup> Cf. *Ibidem*, 186-187.

<sup>26</sup> MAYOR ZARAGOZA, Federico, *Mañana siempre es tarde*. Madrid: Espasa-Calpe, 1987, *apud* GONZÁLEZ-CARVAJAL SANTABÁRBARA, Luís, *Entre la utopía y la realidad*, 187.

sobreponham à lógica da economia do “cada vez mais”, indo ao encontro de uma economia do “suficiente.”<sup>27</sup>

Isto leva-nos a colocar questões, que na senda sociopolítica, ainda que façam parte da agenda da mesma, não parecem estar a ser tratadas com a devida importância. Estarão, por exemplo, as comunidades internacionais dispostas a diminuir o seu nível de vida, para partilhar com aqueles que não têm tantas possibilidades?

Aos poucos, vamos-nos aproximando do epicentro da questão. O problema ecológico não é um dilema, ao qual se deva responder com superficialidade. É preciso incidir sobre as causas. O cerne do problema está precisamente no Homem. O Homem deixou de se ver a si mesmo como parte integrante da natureza, passando a olhar-se como uma força superior, destinada a dominar e a conquistar.<sup>28</sup>

Tornou-se claro que a raiz da crise ecológica está a tornar-se predominantemente sociocultural, e surge da má relação que o Homem estabeleceu com a natureza e com os seus semelhantes.<sup>29</sup>

## 1.2 - Uma perspectiva Bíblica

Na constituição do nosso trabalho, era indispensável uma referência, ainda que breve, à teologia bíblica, que aborda a problemática que nos propomos estudar.

Da mensagem bíblica sobressai assim uma teologia da criação. A partir daí, compreendemos que a relação Homem / natureza só é possível, se estiver presente e for considerada a relação Criador / criatura.

A consciência da existência de Deus e do seu desígnio sobre a humanidade e sobre a natureza oferece-nos a perspectiva teológica de todo o problema ecológico.

O Homem e todos os elementos da natureza são seres criados por Deus, sem distinção ou favorecimento de uns em detrimento de outros. Esta lógica, leva-nos a tecer algumas considerações acerca do mandato bíblico «dominai a terra» (Gn 1,28).

A raiz do problema e do desastre ecológico poderá estar também na interpretação abusiva e adulterada da palavra «dominai».

O Homem terá, ao longo da história, interpretado mal este vocábulo. “Dominar” vem de «dominus». «Dominus» significa o Senhor. Quando Deus diz «dominai a terra», está a dizer

---

<sup>27</sup> GONZÁLEZ-CARVAJAL SANTABÁRBARA, Luís, *Entre la utopía y la realidad*, 188.

<sup>28</sup> Cf. *Ibidem*, 190.

<sup>29</sup> Cf. *Ibidem*, 190, nota de rodapé 24.

ao Homem: colaborai comigo, sede senhores comigo, que sou o Senhor, para que se realize na terra o meu projeto sobre o Homem, sobre a terra, sobre o mundo, sobre o universo. Portanto, «dominai» não dá margem ao Homem para escravizar a terra, a natureza, para dela se tornar «dono». Pelo contrário, torna o Homem responsável pela natureza, pelo universo, porque Deus o constitui colaborador. Se o Homem concretizar bem o seu encargo, também a natureza realizará bem a sua missão.

Ainda assim, temos consciência de que, no projeto de Deus, o ser humano “preside” aos seres criados; contudo, isso não lhe dá o direito de adulterar a gênese da estrutura criada; pelo contrário, implica o dever de dela cuidar, fazendo assim jus ao mandato divino.

O mandato bíblico “dominai a terra” (Gn 1,28) não é “como que uma carta-branca” entregue ao Homem, para que este a explore e devaste; pelo contrário, é o referido mandato categórico divino, que tem em vista uma união fértil e festiva, um ato de culto e de cultura, em que o Homem age como um administrador. “O homem, não agindo em nome próprio, aparece aqui como alguém que serve e colabora com Deus, de quem recebe o mundo como Dom”.<sup>30</sup>

Portanto, o Homem não recebeu de Deus o mandato e o direito de subjugar e dominar, de ser o tirano que tudo domina; mas, pelo contrário, recebeu a missão de providenciar com Deus. O «dominar» de Deus é, em última instância, a sua providência.<sup>31</sup>

A partir da expressão bíblica, Deus confia ao Homem a missão qualificada de pôr em ação a sua inteligência, o seu coração e todos os seus dons, para que toda a humanidade e todas as criaturas, ao longo dos tempos, possam usufruir da beleza, da pureza e da riqueza da criação (Sb 1,1-3). Ao assumir da parte de Deus esta responsabilidade de «dominar» a terra, o Homem é, como já vimos, verdadeiramente colaborador de Deus.

Assim sendo, podemos considerar que a crise ecológica resulta da ignorância ou da má interpretação do mandato divino, da palavra «dominai» (Gn 1, 28). Parte da solução do problema ecológico está na reta interpretação e aplicação da expressão bíblica e na realização responsável da missão, que Deus confiou ao Homem.<sup>32</sup>

O antropocentrismo bíblico, em que a pessoa é vista como imagem de Deus, está muito distante do antropocentrismo predominante na cultura ocidental, que vem já desde o Renascimento, e a partir do qual impera hoje a chamada subjetividade autossuficiente e prepotente.

---

<sup>30</sup> COUTO, António, *Pentateuco: Caminho de Vida Agraciada*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2003, 222-223.

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, 224.

<sup>32</sup> Cf. *Ibidem*, 223.

O Homem, segundo a Bíblia, não pode nunca esquecer-se do seu semelhante, pois terá sempre presente na sua consciência a voz misteriosa, que lhe pergunta “*onde está o teu irmão?*” (Gn 4,9). Deve, portanto, também ele assumir-se como criatura, respeitando toda a criação.<sup>33</sup>

Regressemos ainda à expressão “dominar”. Numa análise mais profunda, podemos dizer que não está tácita nem explicitamente exposta a ideia de destruição, mas sim a necessidade de satisfação das necessidades da vida do próprio ser humano.

No cristianismo, toda a leitura se faz a partir de Cristo ressuscitado, ponto central, onde natureza e a história se encontram como um todo, em plena harmonia. Toda e qualquer atitude desajustada, que o ser humano tenha para com o meio ambiente, refletir-se-á previsível ou imprevisivelmente contra si próprio. É neste pressuposto que defendemos a ideia de que a teologia se deve sentir profundamente desafiada, no que respeita às urgências atuais da ecologia. A sua missão é ajudar a sociedade a despertar para uma consciência ecológica, também a partir da reflexão bíblica.

O cristão, ao contemplar a natureza, deve ver nela a presença de Deus no mundo, tendo como exemplo Francisco de Assis, que reconhece cada criatura como irmã. Tudo provém de Deus, porque “do Senhor é a terra e o que nela existe, o mundo e tudo quanto ela contém” (1Cor 11,12).

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, é-nos relatado que tudo foi criado por Deus. Por isso, pelo simples facto de ser criatura, cada uma delas tem a sua dignidade própria, a sua vocação, a sua missão, tem no seu ser impressa a marca de Deus, que o Homem deve respeitar e valorizar. Faz parte da totalidade da missão do Homem realizar a missão que recebeu de Deus, em relação a todas as criaturas: ser colaborador de Deus, servir, «dominar» a terra, ser «senhor» com o «Senhor».

### **1.3 - Da questão da dignidade do Ser humano, à questão da ecologia humana**

Como vimos no subcapítulo anterior, o relato bíblico da criação torna tudo muito claro, quando se fala na criação do ser humano e na sua realização, enquanto pessoa e ser criado por Deus, chamado a uma vocação especial.

O ser humano, como ser criado, é sempre chamado ao encontro com Deus como pessoa.

---

<sup>33</sup> Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis, *Teología de la creación*, 180.

“Por ter sido feito à imagem de Deus, o ser humano tem a dignidade de pessoa, não é apenas algo, mas alguém, capaz de conhecer-se, de entregar-se livremente e de entrar em comunhão com outras pessoas”.<sup>34</sup>

Neste contexto, é interessante olharmos para a pergunta, que Bento XVI dirige à assembleia da Santa Missa que celebrou em Cracóvia, aquando da sua visita à Polónia, em 2006: “O que é a dignidade humana?”. Na resposta que se segue a esta questão, o Papa afirma que, “depois de realizar essa obra, chamou à existência o Homem, criado à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-27), e concedeu-lhe a dignidade de filho de Deus e a imortalidade.”<sup>35</sup> Ainda neste contexto, São Francisco de Assis ajuda-nos também a responder a esta questão. Diz o santo: “Repara, oh homem!, em quão grande excelência (dignidade) te constituiu o Senhor Deus, pois te criou e te formou à imagem de seu querido Filho, segundo o corpo, e à sua semelhança, segundo o espírito.”<sup>36</sup> A dignidade dirige os nossos passos pelo respeito, que todo o Homem merece, e não pela imagem que oferece, mas sim pela imagem que é.

Na leitura teológica, em que o Homem é chamado a ser imagem e semelhança de Deus, compreende-se que a sua dignidade não lhe provém exclusivamente do mérito individual. O mérito, se assim podemos dizer, é de Deus, da sua graça constante, que dignificou a humanidade na Pessoa de Jesus Cristo, e com ela permanece pela presença e ação do Espírito. Desta forma, todos somos seres perfeitos em dignidade, não em virtude da nossa ação pessoal, mas em virtude do merecimento que por Cristo recebemos. Assim, a dignidade não se adquire, não se tem, não se aprende, não se compra; ela é intrínseca à nossa condição humana, e foi consumada na relação vertical estabelecida entre Deus e o Homem, perfeitamente reconhecida na Encarnação de Cristo.

Um dos apelos bíblicos que mais claramente exalta a comum dignidade da pessoa humana é o conhecido Sermão da Montanha, nomeadamente a referência às chamadas Bem-aventuranças.

Se Cristo por seus méritos dignificou todo o ser humano, o Homem, por sua vez, a partir do mandato evangélico das Bem-aventuranças, aprofunda a sua dignidade e a de todos os outros Homens. É possível olhar a expressão “bem-aventurados”, concomitantemente traduzida por felizes como espelho ou sinónimo simbólico da palavra dignidade.

---

<sup>34</sup> BENTO XVI, *A pessoa humana, coração da paz*, Mensagem para o XL Dia Mundial da Paz. In *L'Osservatore Romano*, ano XXXVII, n.º 50 (1.930) 16 de dezembro 2006.

<sup>35</sup> BENTO XVI, Homilia na Santa Missa no parque Blonia de Cracóvia (27 de março de 2006). [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-vi\\_spe\\_20060527\\_giovani-krakow.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-vi_spe_20060527_giovani-krakow.html) (18 de outubro de 2017, 15h40).

<sup>36</sup> FRANCISCO DE ASSIS, *Fontes Franciscanas I, Exortação V*, 1. Braga: Editorial Franciscana, 3ª ed, 2005, 373.

Deste modo, a perspectiva cristã de dignidade, para além da dignidade proveniente do próprio Deus em Cristo, como vimos anteriormente, está também alicerçada na procura de um maior aprofundamento daquilo que é a nossa relação com os outros, na permanente consciência de que todos somos filhos do mesmo Pai. Isto foi claramente reconhecido pelo II Concílio do Vaticano, que na sua Constituição Dogmática *Gaudium et Spes* faz referência, não só à dignidade da pessoa humana, proveniente da filiação divina, mas também deixa claro que essa mesma dignidade só é plena, quando o Homem reconhece que é “um ser social, e não pode viver nem desenvolver as suas qualidades, sem as suas relações com os outros.”<sup>37</sup>

Fazendo uma transposição, que vá para além do mundo crente, o mesmo sagrado Concílio afirma que é unânime entre os homens, “que tudo o que existe na terra deve ser ordenado para o Homem, como para o seu centro e vértice.”<sup>38</sup>

A dignidade do Homem está, desta forma, profundamente relacionada com a questão ecológica. A relação, que, como vimos, é por si simbiótica, mostra-nos que a ecologia e a dignidade humana<sup>39</sup> “supõem a verdade, o Princípio da Superioridade da Realidade sobre a Ideia, e o Princípio do Bem-comum.”<sup>40</sup>

Desta forma, pressupõe-se também o respeito pelos direitos fundamentais de todos os cidadãos, a chamada paz social, a segurança individual e coletiva, e a proteção dos mais débeis.

Esta sumária reflexão tem interesse para o nosso trabalho, se recordarmos aquilo que Vasco Pinto Magalhães, a partir das palavras do Papa Francisco em Fátima, a 13 de Maio de 2017, refere, no que diz respeito ao que considera ser uma das mais graves crises ecológicas atuais. Para o autor Jesuíta, as manifestadas “depressões” e situações, em que a pessoa sente a sua vida hipotecada relativamente ao futuro, são sinal de uma esperança abortada, pondo assim em causa a chamada *consciência ecológica*, consciência que pressupõe uma preocupação, não só com o presente, mas também com o futuro do Homem na casa comum.<sup>41</sup>

---

<sup>37</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, n.º 12. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998, 195.

<sup>38</sup> *Ibidem*, n.º 12.

<sup>39</sup> No artigo citado o autor utiliza a expressão “Qualidade de Vida”. No contexto do nosso trabalho e na leitura continuada do mesmo artigo entendemos que a expressão acima referida é sinónimo conceptual do que entendemos e procuramos explicitar acerca da dignidade humana.

<sup>40</sup> Cf. MAGALHÃES, Vasco Pinto, “Qualidade de vida na Laudato Si”. *Brotéria*, 185 (2017) 76-85.

<sup>41</sup> Cf. MAGALHÃES, Vasco Pinto, “Qualidade de vida na Laudato Si”, 84.

## **CAPÍTULO II – O PERCURSO E A REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE “ECOLOGIA HUMANA” NO MAGISTÉRIO PAPAL E A SUA CONSEQUENTE SISTEMATIZAÇÃO**

Com o capítulo que agora iniciamos, pretendemos, tal como indica o título do mesmo, percorrer o Magistério da Igreja, desde o pontificado do Papa Leão XIII até ao tempo de Bento XVI.

Neste percurso, pareceu-nos ser mais apropriado seguir uma metodologia que, não sendo estritamente cronológica, seguisse a linha temporal, enquadrando a evolução da temática com os pontífices de cada período.

Numa primeira fase, percorre-se de forma global o surgimento e a evolução do conceito em estudo, partindo, como já dissemos, de Leão XIII, passando por Pio IX, Pio XII, João XXIII, Paulo VI. Dedicamos ainda espaço a umas breves referências, no que ao II Concílio do Vaticano diz respeito. O leitor encontra neste capítulo um período dedicado exclusivamente a João Paulo II e outro exclusivamente a Bento XVI, dado estes terem dissertado maioritariamente sobre o assunto. São, por isso, abundantes as referências a Cartas Encíclicas, a Mensagens para o Dia Mundial da Paz e a Discursos. Por fim, o leitor encontra a sistematização da matéria feita no Catecismo da Igreja Católica e no Compêndio da Doutrina Social da Igreja.

## 2.1 - Despontar do conceito “ecologia humana” no Magistério até João Paulo II

Como nos será dado a perceber no último capítulo do nosso trabalho, a Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, é efetivamente o primeiro Documento papal única e exclusivamente dedicado ao problema ecológico. Contudo, não nos é alheio o facto de que durante o século XX se foi construindo a base para aquilo que hoje é a discussão ecológica, e da qual a Igreja por responsabilidade maior não se alheia.

Na senda do século XX, a problemática, ainda que não explicitamente como hoje, começa a ser trazida para a reflexão. Podemos afirmar que o Papa Leão XIII, grande precursor do Magistério Social e na senda de Pio IX no documento *Apostolicae nostrae caritatis*, dá o mote para a problemática, abordando o tema de forma global na Encíclica *Rerum Novarum*. Há que compreender, que a Encíclica *Rerum Novarum* tem evidentemente uma orientação clara para as problemáticas socioeconómicas e sociopolíticas; contudo, como já dissemos, encontramos neste Documento as primeiras reflexões vindas do papado, daquilo a que hoje chamamos de pensamento ecológico.

Se atendermos ao número 6 da referida Encíclica, encontramos já aí referida a “reflexão sobre o ato criador de Deus, origem de tudo o que existe.”<sup>42</sup> “A terra, sem dúvida, fornece ao Homem com abundância, as coisas necessárias para a conservação da sua vida, e ainda para o seu aperfeiçoamento; mas não poderia fornecê-las, sem a cultura e sem os cuidados do homem.”<sup>43</sup> Ainda que seja no contexto próprio da problemática do trabalho e das desigualdades sociais, nomeadamente no que diz respeito à propriedade privada, encontramos já presente na citação anterior a génese da discussão social e teológica sobre a qual hodiernamente nos debruçamos.

Depois de Leão XIII, aquando do quadragésimo aniversário da Magna Carta *Rerum Novarum*, o Papa Pio XI escreveria a conhecida *Quadragesimo Anno*. Inserida também no Magistério Social da Igreja, é claramente um Documento dirigido para o sector político e económico, não se observando uma evolução ou referência à problemática ecológica. É sempre oportuno referir, que temos consciência que a discussão da problemática, tal como a conhecemos, não teve intencionalmente início no Magistério Social de Leão XIII; contudo, a nota que fazemos à não existência de referências no Documento de Pio XI pode levar-nos a crer que, para além do tema não estar na agenda do Papa Achille Ratti, não houve de facto uma evolução do pensamento, no que a esta matéria diz respeito, denotando-se uma estagnação no processo de evolução do conceito em estudo. No cinquentenário da já referida *Rerum Novarum*,

---

<sup>42</sup> FALCÃO, José Gabriel, “Ecologia integral, Ecologia do homem”, *Itinerarium*, LXII, 5 (2016) 5-25.

<sup>43</sup> LEÃO XIII, *Carta Encíclica Rerum Novarum*. Viseu: Rei dos Livros, 1991, 7.

registra-se na Mensagem de Pentecostes<sup>44</sup> de 1941, do Papa Pio XII, uma parca anotação a respeito da utilização e distribuição dos meios oriundos da natureza, tendo também esta intervenção a intenção de dar exclusivamente continuidade ao cunho político-económico da questão social. Devemos, evidentemente, atender às circunstâncias dos regimes políticos da época, e ao estado de guerra em que se encontrara o mundo de então, nomeadamente a Segunda Grande Guerra, de 1939 a 1945.

O tema voltará a surgir, ainda que de forma bastante subtil, na Encíclica *Mater et Magistra*,<sup>45</sup> de João XXIII, nomeadamente na terceira parte, dedicada aos novos aspetos da questão social. Aqui o Papa faz já referência a temas, como a cooperação entre os povos, a ciência, a técnica ou a finança. Ainda que nitidamente não esteja conceptualmente clara a ideia de *ecologia integral*, começa a desenhar-se uma nova estrutura de pensamento, que certamente abriu portas para a ideia de ecologia, no seu sentido mais global.

O problema da ecologia, tal como hoje o abordamos, não estava também ainda na ordem de trabalhos do II Concílio Vaticano.

Contudo, se olharmos ampla e aprofundadamente para a Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, intui-se nela o início de uma abordagem, mais próxima do nosso tema.

Diz o número 4, que as alterações no mundo, “provocadas pela inteligência e atividade do homem, refletem-se no próprio homem, os seus juízos, nos seus desejos individuais e coletivos, no seu modo de pensar e de agir, tanto em relação às coisas como aos homens.”<sup>46</sup> Todo este número é um apelo à necessidade de *perscrutar os sinais dos tempos*, no sentido de se compreender que o Homem moderno possui um enorme espólio material e intelectual, que lhe dá margem para a existência de condições de vida digna da totalidade da massa humana.

O Concílio reconhece nos pontos seguintes, que o progresso e a técnica são efetivamente um bem maior, não obstante que se interrogue sobre a verdadeira utilização do que deste progresso advém e daquilo a que, como possível consequência, chama de desequilíbrio do

---

<sup>44</sup> Tomamos por referência este excerto da Mensagem de Pentecostes de 1941: “Com efeito, todo homem, como vivente dotado de razão, recebeu da natureza o direito fundamental de usar dos bens materiais da terra, embora se deixe à vontade humana, às formas jurídicas dos povos o regular mais particularmente a sua prática atuação.”: PIO XII, Radiomensagem Na Solenidade De Pentecostes: 50º Aniversário Da Carta Encíclica “Rerum Novarum” de Leão XIII. [https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1941/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19410601\\_radiomes sage-pentecost.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1941/documents/hf_p-xii_spe_19410601_radiomes sage-pentecost.html) (17 de outubro de 2017, 16h30).

<sup>45</sup> JOÃO XXIII, *Mater et Magistra*. Lisboa: Paulistas, 1990. A presente Encíclica foi escrita no aniversário dos setenta anos da *Rerum Novarum* e tem, tal como esta, uma diretriz sociopolítica. Contudo nota-se um claro desenvolvimento e ampliação temática relativamente às intervenções de Pio XI e Pio XII no que à matéria que estudamos diz respeito.

<sup>46</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, n.º 4. Coimbra: Gráfica de Coimbra. 2ª ed. 1999, 186.

mundo moderno, radicado precisamente num desequilíbrio mais fundo, presente no coração do próprio Homem.<sup>47</sup>

Nos números 12 e 34 relembra-se o princípio que temos vindo a invocar, que todo o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, tendo sido destinado e “constituído senhor de todas as coisas terrenas, para que as dominasse e usasse, glorificando a Deus” (Gn 1,26; Sb 2,23; Eclo 17,3-10). Como já vimos no corpo do texto, dedicado ao percurso bíblico, a atividade humana foi corrompida pelo pecado<sup>48</sup>; contudo, “remido por Cristo e tornado criatura nova no Espírito Santo, o homem pode e deve amar as próprias coisas criadas por Deus. Pois ele as recebe de Deus, e olha-as e respeita-as como que saindo de suas mãos (...), é introduzido na verdadeira posse do mundo, como se nada tivesse, mas possuísse tudo. *Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus*” (1Cor 3,22-23).

Um dos princípios fundamentais, que nos é recordado pelos Padres Conciliares, é o do destino universal dos bens. “Deus destinou a terra e tudo o que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo, que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, sob as regras da justiça, inseparável da caridade”.<sup>49</sup>

O Sagrado Concílio chama ainda a atenção da necessidade de se “prever o futuro, estabelecendo um justo equilíbrio entre as necessidades atuais de consumo, individual e coletivo, e as experiências de inversão de bens para as gerações futuras”.<sup>50</sup> Aqui advimos já a ideia base do conceito de “desenvolvimento sustentável”, que, já advogado por Auguste Comte em diversos dos seus escritos, faz hoje parte da agenda ecológica, sem qualquer tipo de dúvida.

Assim, torna-se claro que, desde Leão XIII até ao II Concílio do Vaticano, o tema foi estando presente na discussão socioteológica, ainda que de forma não contínua. Como registámos anteriormente, houve uma clara interrupção da possível evolução da questão ecológica. É evidente que esta dita “não evolução” ou desenvolvimento do pensamento sobre a problemática é avaliada unicamente na perspetiva eclesial. Com certeza, nas esferas da chamada ciência positiva, já esta questão se colocava. Exemplo disso é o facto de como já anteriormente observámos, o biólogo alemão Ernst Haeckel, na década de sessenta do século XIX, usar a expressão “ecologia”, para se referir à relação que os seres vivos estabelecem entre si e o meio que os rodeia.

---

<sup>47</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, n.º 10.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 37.

<sup>49</sup> *Ibidem*, n.º 69.

<sup>50</sup> *Ibidem*, n.º 70.

Sua Santidade o Papa Paulo VI, na Carta Encíclica *Populorum Progressio*, chama-nos à época a atenção para princípios, que ainda hoje podemos ter como princípios orientadores. Diz-nos: “herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós”.<sup>51</sup>

É notório que a Santa Madre Igreja, a partir da década de 70 do século XX, tem assiduamente acompanhado a questão ecológica.

Para além do Magistério, solenemente emanado, existem diversos pronunciamentos de considerável importância que podem ser vistos no documento que nos guiará nesta exposição: *Ecologia nos Documentos da Igreja Católica* redigido por Ludovico Garmus<sup>52</sup>. Exemplo disso é a mensagem que o já citado Papa Paulo VI escreveu ao Secretário-geral da Conferência Internacional das Nações Unidas, sobre o ambiente na cidade de Estocolmo, no de 1972. Diz o Papa: “hoje, de facto, há maior consciência de que o homem e o ambiente em que ele vive são mais do que nunca inseparáveis”.<sup>53</sup> Persiste o Pontífice, que o Homem tem a obrigação de “respeitar as leis que regulam o impulso vital e a capacidade de regeneração da natureza; ambos, portanto, são solidários e compartilham um futuro temporal comum”.<sup>54</sup> É notório e claro, que se encontram subordinados à nossa ação “os fatores de interdependência, para o melhor ou para o pior, para a esperança de salvação ou para o risco do desastre”.<sup>55</sup>

A meditação de Paulo VI prossegue, naturalmente, atual, uma vez que o ser humano se torna para sua espécie uma ameaça com tudo quanto descobre, estamos a falar de, armas atômicas, químicas e bacteriológicas. “Como se não de ignorar os desequilíbrios provocados na biosfera, devidos à exploração desordenada das reservas físicas do planeta, até com o propósito de produzir os bens úteis, como, por exemplo, o desperdício dos recursos naturais não renováveis, a poluição do solo, da água, do ar e do espaço, com os consequentes atentados contra a vida vegetal e animal?”.<sup>56</sup>

Na realidade, a habilidade decore e pode ser utilizada no sentido de minimizar os danos produzidos no ambiente natural, “mas todas as medidas técnicas serão ineficazes, se não forem acompanhadas por uma tomada de consciência da necessidade de uma transformação radical

---

<sup>51</sup> PAULO VI, *Populorum Progressio: O Desenvolvimento dos Povos*, n.º 17. Lisboa: Paulistas, 1989.

<sup>52</sup> Cf. GARMUS, Ludovico, *Ecologia nos Documentos da Igreja Católica*. <http://www.franciscanos.org.br/?p=55573> (10 dezembro 2017).

<sup>53</sup> PAULO VI, “As preocupações ecológicas e as Exigências do desenvolvimento”, Mensagem ao Secretário Geral da Conferência Internacional das Nações Unidas sobre o ambiente na cidade de Estocolmo, in *L'Osservatore Romano*, ano III, n.º 25 – 18 de junho de 1972, 5.

<sup>54</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>55</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>56</sup> *Ibidem*, 5.

de mentalidades.”<sup>57</sup> O Papa Paulo VI aponta o Poverello de Assis, como modelo daquela que deve ser a atitude do ser humano no que respeita à sua ligação com a natureza. “Como poderíamos deixar de evocar aqui o exemplo imorredouro de São Francisco de Assis?”<sup>58</sup>

Ao concluir, o Pontífice, serve-se de uma passagem da Carta de Paulo a Timóteo, nesta o apóstolo declara: “toda a criatura de Deus é boa” (1Tm 4,4; Gn 1), diz-nos que “governar a natureza significa, para a raça humana, não destruí-la, mas aperfeiçoá-la; não transformar o mundo num caos inabitável, mas numa bonita casa, ordenada no respeito por todas as coisas”.<sup>59</sup>

Também, por ocasião do XXV aniversário da FAO<sup>60</sup>, o Papa Paulo VI, ao mesmo tempo que enaltece os empenhos levados a cabo no sentido de se melhorar o aproveitamento dos bens naturais enquanto recursos para a humanização integral e ecológica, adverte: “a realização concreta destas possibilidades técnicas não se verifica sem causar nocivas repercussões no equilíbrio do nosso ambiente natural, e a deterioração progressiva daquilo que convencionalmente se chama *meio ambiente*, sob o efeito dos contragolpes da civilização industrial, corre o risco de acabar numa verdadeira catástrofe ecológica”.<sup>61</sup> Procurando que esta reflexão não se venha a observar infrutífera, o Papa recorda danos já originados, como: a poluição do ar, da água potável, a poluição dos oceanos e a extinção de uma panóplia de espécies animais. No decorrer dos séculos, o ser humano “aprendeu a submeter a natureza, a dominar a terra (...); agora soou a hora de ele dominar o seu próprio domínio”.<sup>62</sup>

É por força apelativo observar que, ano após ano, o pontífice se debruça afincadamente sobre o tema. No ano de 1971, na Carta Apostólica *Octogesima adveniens*, adverte para os efeitos desastrosos provocados pela atividade humana, “de um momento para o outro, o homem toma consciência deles: por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, começa a correr o risco de a destruir e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação. (...) é o mesmo quadro humano que o homem não consegue dominar, criando assim, para o dia de amanhã um ambiente global, que poderá tornar-se insuportável. (...) o cristão deve voltar-se para estas perceções novas, para assumir a responsabilidade, juntamente com os outros homens, por um destino, na realidade, já comum”.<sup>63</sup>

Na Bula *Apostolorum Limina*, recordando os problemas que afetam o ser humano, Paulo VI coloca a ecologia claramente como problema central do novo tempo; “desde os económicos

---

<sup>57</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>58</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>59</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>60</sup> Cf. PAULO VI, “É preciso instaurar uma economia de serviço e de fraternidade que elimine o escândalo da fome e da miséria”, Discurso na Sede da FAO, in *L'Osservatore Romano*, ano I, n.º 47 – 22 de novembro de 1970, 5-8.

<sup>61</sup> *Ibidem*, 6.

<sup>62</sup> Informação retirada da fonte aludida na nota de rodapé 52.

<sup>63</sup> Informação retirada da fonte aludida na nota de rodapé 52.

e sociais aos da ecologia, passando pelos das fontes de energia, da libertação dos oprimidos e da elevação de todos a uma maior dignidade da vida”.<sup>64</sup> Desta forma, fica claro que o pontificado de Paulo VI tem já muitíssimo presente a problemática a que nos referimos, procurando por diversas vezes abordá-la, colocando-a na agenda da Igreja.

## **2.2- Ecologia Humana a partir do Magistério de João Paulo II**

O pontificado de João Paulo II, pela sua dimensão temporal, permitiu que o Pontífice abordasse uma diversidade de temas, de entre os quais surge com muita clareza o tema da ecologia.

Entre Encíclicas, homilias e mensagens pontuais, nomeadamente as associadas ao Dia Mundial da Paz, encontra-se no Magistério de João Paulo II uma vasta reflexão sobre a problemática estudada.

Sem fazermos necessariamente um percurso cronológico sobre os seus escritos, no que ao tema diz respeito, procuraremos expor aquilo que nos parece sintetizar o pensamento do Papa Polaco a este respeito.

Torna-se claro e imperioso, que a melhor forma de respeitar a natureza é favorecer uma ecologia humana aberta ao transcendente, que, honrando a pessoa, a família e o meio ambiente, segue a indicação de Paulo de em Cristo louvar o Pai.<sup>65</sup>

Tal como os seus antecessores, João Paulo II foi um Homem muito sensível aos acontecimentos sociopolíticos vividos no mundo, e particularmente na Europa. Para ele, “as políticas que regem a economia mundial submetem o Homem a tensões por ele mesmo criadas, dilapidando num ritmo acelerado os recursos materiais e enérgicos, comprometendo o ambiente geofísico. Tais estruturas ampliam incessantemente as zonas de miséria, e, com isso, a angústia, a frustração e a amargura”.<sup>66</sup>

Pouco tempo decorrido da sua eleição, João Paulo II fez, a sua primeira alusão sobre esta temática, na Encíclica *Redemptor Hominis*. Numa leitura atenta percebemos que no número 15 do documento, o Papa acusa nitidamente, que o não autodomínio da exploração sobre a terra e o planeta, tanto na perspectiva industrial como militar, “trazem muitas das vezes consigo a ameaça para o ambiente natural do Homem, alienam-no nas suas relações com a natureza e

---

<sup>64</sup> Informação retirada da fonte aludida na nota de rodapé 52.

<sup>65</sup> Cf. 1Cor 3,21-23: “Portanto, ninguém se glorie nos homens, pois tudo é vosso. Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente ou o futuro. Tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus.”

<sup>66</sup> JOÃO PAULO II, *Redemptor hominis: O Redentor do Homem*, n.º 15, Braga: A.O., 1979.

separam-no da mesma natureza.”<sup>67</sup> Na realidade, tais posturas de usurpação, arriscamos mesmo a dizer de extermínio, são inteiramente opostas à vontade do Criador, que dispôs o Homem como “senhor e guarda” (Gn 1,15), e não como destruidor.<sup>68</sup>

A preocupação de João Paulo II centra-se sobretudo na utilização das capacidades humanas para o bem ou para o mal do Homem e daquilo que o rodeia. “O homem de hoje parece estar sempre ameaçado por aquilo mesmo que produz; ou seja, pelo resultado do trabalho das suas mãos e, ainda mais, pelo resultado do trabalho da sua inteligência e das tendências da sua vontade”.<sup>69</sup>

A evolução e a habilidade levaram o Homem a alienar-se, e conseqüentemente a apartar-se do meio ambiente natural. O Homem parece não refletir que ele é uma das partes da natureza, e que a sua vivencia relacional com a mesma está muito para lá do utilitarismo. Naturalmente que esta verificação lembra a separação que o Homem, de maneira gradual, vem fazendo comparativamente à vontade criadora, que deseja que o ser humano participe da natureza, como uma guardiania “inteligente e nobre, e não como um desfrutador e destruidor sem respeito algum”.<sup>70</sup>

Consciente da gravidade da problemática, o Papa deixa claro que a Igreja não pode ser indiferente à maneira como o Homem se relaciona com o mundo que o rodeia. Para o Papa, é claro que “o tema do desenvolvimento e do progresso anda nas bocas de todos, e aparece nas colunas de todos os jornais e nas publicações, em quase todas as línguas do mundo contemporâneo.”<sup>71</sup> Na citação anterior o Papa expressa que a globalidade da questão já no final da década de setenta é muitíssimo clara, no entanto, não podemos ficar na ideia de que tudo esta devidamente pensado e refletido podendo assim o Homem “descansar” das suas responsabilidades.

Para além das afirmações que provêm da estrutura científica, que estuda a problemática ambiental, há um outro conjunto de questões que devem ser colocadas. “Elas correspondem à natureza dialética fundamental da solicitude do homem pelo homem, pela sua própria humanidade e pelo futuro dos homens sobre a face da terra.”<sup>72</sup>

A Igreja tem uma responsabilidade especial naquilo que se refere ao cuidado do que a todos foi dado, velando pelas realidades terrestres até à consumação das realidades futuras, que

---

<sup>67</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>68</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>69</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>70</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>71</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>72</sup> *Ibidem*, n.º 15.

nos anima a fé escatológica.<sup>73</sup> O número 15 da *Redemptor Hominis* é um verdadeiro hino à sistematização da problemática, e ao qual sumariamente acima fizemos referência.

No ano de 1980, e a partir da Carta *Apostolica Appropinquat iam synodus*, aquando do VI Sínodo dos Bispos sobre a família humana no mundo contemporâneo, o Papa alude ao tema recordando que a questão ambiental merece ser devidamente repensada e estudada. Acrescenta ainda a especificidade de que “o complexo problema energético pode muito bem ser visto neste contexto, de modo que os recursos energéticos mais eficazes e apropriados sejam disponibilizados sem um inútil desperdício no uso dos materiais”.<sup>74</sup> Este apontamento, feito num contexto muito próprio, deixa claro que o Papa quer apelar para o facto de o problema ecológico ser uma responsabilidade comum, e poder encontrar também nas famílias cristãs uma semente de solução.

Nas mensagens para o dia mundial da paz, que produziu ao longo das várias décadas do seu pontificado, João Paulo II viria por diversas vezes a associar a ecologia à temática da paz. Na mensagem de 1986, alerta para o excessivo interesse egoísta entre grupos políticos, ideológicos e económicos. Alude à necessidade de abandonar atitudes mentais e concepções políticas contaminadas pela sede de poder e por ideologias, substituindo-as por disponibilidades para a partilha e colaboração com todos, em espírito de confiança mútua. O diálogo leva os homens a estar em contacto uns com os outros, e nele se vê a riqueza da diversidade das culturas e histórias.

Aborda ainda a temática da dignidade humana, afirma o primado da pessoa e a necessidade desta tomar consciência da humanidade formar uma só família.<sup>75</sup>

Um documento de considerável importância, no contexto da Doutrina Social da Igreja<sup>76</sup>, é sem dúvida a Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*. Escrita na continuidade do percurso feito anteriormente, desde a *Rerum Novarum*, esta carta tem já assumidamente com toda a clareza a questão da ecologia, enquanto questão social “autónoma”. Nela, o Papa reconhece que há de facto já alguns sinais positivos sobre a reflexão ecológica. Contudo, é absolutamente necessário ter “maior consciência dos limites dos recursos disponíveis, a necessidade de respeitar a integridade e os ritmos da natureza, e de tê-los em conta na programação do

---

<sup>73</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 15.

<sup>74</sup> JOÃO PAULO II, *Appropinquat iam synodus*, n.º 552.

<sup>75</sup> Cf. JOÃO PAULO II, A Paz é um valor sem fronteiras, Norte – Sul, Leste – Oeste: uma só Paz. Mensagem para o XIX Dia Mundial da Paz, in *L'Osservatore Romano*, Edição Semanal em Português 1986, ano XVI, n.º 51 (839) 645-656. 22 de dezembro de 1985.

<sup>76</sup> São diversos os documentos emanados sobre esta matéria nomeadamente no que diz respeito as comemorações dos aniversários da Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII. O Papa João Paulo II escrevera também por ocasião do nonagésimo aniversário desta, a Carta Encíclica *Laborem Exercens*. Consideramos que o seu conteúdo ainda que de justa importância para a matéria social não acrescenta nenhuma novidade propriamente dita na evolução do pensamento no que ao tema da ecologia humana diz respeito.

desenvolvimento, em vez de sacrificá-los a certas concessões demagógicas. É, afinal, aquilo que se chama hoje com o termo *preocupação ecológica*”.<sup>77</sup>

Note-se na última frase da anterior citação a constatação que o Papa faz sobre a terminologia já usada na sociedade de então: “preocupação ecológica”. Estamos no final do ano de 1987. Na mensagem que dirigiu no início deste mesmo ano, na senda do Dia Mundial da Paz, João Paulo II recorda o princípio, que já anteriormente havia enunciado, de que todos constituímos uma só família, participamos da mesma herança e temos uma origem comum com os demais seres humanos. A dignidade que nos advém, por sermos criados à imagem e semelhança de Deus, projeta constantemente tanto a questão da paz propriamente dita, como a questão da *ecologia humana*, se entendida no seu pleno sentido.<sup>78</sup>

Em 1988, por ocasião do Sínodo dedicado à *vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo*, o Papa faz também referência à problemática, sobre a qual nos debruçamos. Como seria de esperar, a intenção deste documento centra-se na reflexão sobre a ação do Homem cristão no mundo. Deste modo, não é de estranhar que grande parte da Exortação tenha também um cunho da Doutrina Social da Igreja: “entre os princípios fundamentais da doutrina social da Igreja, encontra-se o do *destino universal dos bens*: os bens da terra são, por desígnio de Deus, oferecidos a todos os homens e a cada um deles, como meio de desenvolvimento, como meio de uma vida autenticamente humana.”<sup>79</sup> O Papa recorda-nos que a natureza, na sua plenitude, deve ser acolhida, cuidada, usada com respeito e amor, e quanto possível ser passada às gerações futuras, melhor do que a encontrámos. Isto não significa que se proponha uma transformação da natureza a partir das convicções humanas, segundo a falsa premissa, de que é possível torná-la melhor do que ela é. O Homem é chamado a ser cocriador. Já sobre isto se tinha detido significativamente o Papa na Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*. De facto como sabemos, o problema ecológico é na sua abordagem bastante transversal; por isso, encontra neste documento uma referência indispensável e significativa para a compreensão do papel do Homem contemporâneo no mundo.<sup>80</sup> O Papa deixa bem claro que, “em relação com a vida económica e social e com trabalho, levanta-se hoje, de forma cada vez mais aguda, a chamada *questão ecológica*.”<sup>81</sup>

A dimensão global da ecologia humana, tal como a compreendemos hoje, está já bem presente e sistematizada nesta carta exortativa, aquando da constatação que a *questão ecológica*

---

<sup>77</sup> JOÃO PAULO II, *Sollicitudo Rei Socialis: A Sollicitudo Social da Igreja*, n.º 26. Lisboa: Paulistas, 1988.

<sup>78</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Desenvolvimento e Solidariedade, duas chaves para a paz, Mensagem para o XX Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*, 1987, 51, 891 (1986) 631-646.

<sup>79</sup> JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici: Os Fiéis Leigos*, n.º 43. Lisboa: Paulus, 2006.

<sup>80</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 43.

<sup>81</sup> *Ibidem*, n.º 43.

exige da nossa consciência a *dimensão moral*, da qual advém a justa conceção da ideia de *desenvolvimento*.<sup>82</sup>

Neste percurso, é sempre importante recordar que a totalidade conceptual da ideia de ecologia humana traz permanentemente a si a relação entre os homens e a construção da paz social. Na Mensagem para o Dia Mundial da Paz, de 1989, o Papa João Paulo II recorda aqueles que para si são os dois princípios, dos quais uma sociedade não pode arbitrariamente abdicar: *dignidade de cada pessoa; unidade fundamental do género humano*. Atende-se à necessidade de não marginalizar o Homem, a partir da sua origem racial, étnica, cultural ou de fé. Tem-se bem presente, que o princípio da unidade fundamental acima enunciado é o único capaz de superar barreiras e de promover uma solidariedade recíproca. Cada pessoa deve respeitar e compreender o valor e a diversidade do outro.<sup>83</sup>

As constantes mudanças socioeconómicas e sociopolíticas ocorridas nas décadas de setenta, oitenta e noventa do século XX, no mundo em geral e particularmente na Europa, levam o Sucessor de Pedro a atualizar a mensagem deixada por Leão XIII na *Rerum Novarum*. A evolução do conceito de ecologia humana permitiu que esta fosse paulatinamente entrando na agenda da Doutrina Social. Isto verificara-se com mais clareza desde Paulo VI, ganhando um espaço de maior relevo no Magistério de João Paulo II, como vimos até aqui.

A propósito das mudanças sociais acima referidas e do centenário da *Rerum Novarum*, é então escrita a Carta Encíclica *Centesimus Annus*. O Papa aproveita o drama da sociedade consumista de então, para abordar novamente a problemática da *questão ecológica*: “O homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida.”<sup>84</sup> A preocupação pela disposição arbitrária dos recursos terrestres continua bem patente no discurso do Papa Polaco, no documento a que nos referimos. A isto acresce, de forma nova, se assim podemos dizer, aquilo a que o Papa se refere como *ecologia humana* e que traz para o conteúdo do Magistério. Atenda-se à seguinte citação:

“Além da destruição irracional do ambiente natural, é de recordar aqui outra ainda mais grave, qual é a do ambiente humano, a que se está ainda longe de prestar a necessária atenção. Enquanto justamente nos preocupamos, apesar de bem menos do que o necessário, em preservar o «habitat» natural das diversas espécies animais ameaçadas de extinção, porque nos damos conta da particular contribuição que cada uma delas dá ao equilíbrio geral da terra, empenhamo-nos demasiado pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica «ecologia humana».”<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 43.

<sup>83</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Para construir a paz, respeitar as minorias, Mensagem para o XXII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. 51, 1.995 (1988) 681-692.

<sup>84</sup> JOÃO PAULO II, *Centesimus annos: Centésimo ano*, n.º 37. Lisboa: Paulista, 1991.

<sup>85</sup> *Ibidem*, n.º 38.

Ainda neste contexto, o Papa procurará definir o constituinte do conceito de *ecologia humana*. Para Karol Wojtyła, “a primeira e fundamental estrutura a favor da «ecologia humana» é a família, no seio da qual o Homem recebe as primeiras e determinantes noções acerca da verdade e do bem.”<sup>86</sup> O Papa detém-se largamente sobre o tema da família, aborda as questões relacionadas com a justa orientação do *engenho humano*, dirige uma crítica clara ao sistema eticocultural, que promove uma cultura denominada de *cultura de morte*, reflete sobre a ciência económica na vida do Homem, e da sua relação com a capacidade do Homem utilizar o princípio da liberdade em favor da reta utilização dos bens. Aborda ainda temas como a tarefa do estado, os regimes políticos centralizados nos aspetos económicos, alongando-se numa reflexão de filosoficopolítica, sobre a qual não nos detemos, afim de não alongarmos desnecessariamente a reflexão a este respeito.<sup>87</sup>

O ano de 1991 é um ano bastante rico, no que à matéria que tratamos diz respeito. Consideremos, para além do valiosíssimo contributo da *Centesimus Annus*, novamente a Mensagem para o Dia Mundial da Paz, do correspondente ano. Contém uma reflexão, da qual não nos poderíamos apartar. Referimo-nos à formação da consciência, e aquela que é a capacidade de discernir e agir, segundo a Lei de Deus. O Papa deixa claro, que a dignidade do Homem encontra o seu fundamento na obediência à Lei Divina. Para João Paulo II, é necessária uma profunda educação para a temática religiosa, sem a qual a dita formação da consciência fica comprometida, devido à falta de referência à verdadeira fonte da nossa dignidade – Deus Criador.<sup>88</sup>

Prosseguindo o nosso percurso pelo pensamento de João Paulo II sobre a matéria em estudo, chegamos agora à conhecida, tão estudada e discutida *Evangelium Vitae*.

Marcada pela mensagem central do valor e da inviolabilidade da vida humana, a Encíclica não poderia deixar de incluir o conceito ecológico no seu conteúdo. Como fomos percebendo até aqui, o conceito de *ecologia humana* foi tendo, ao longo do Magistério, inclusivamente no Magistério do próprio João Paulo II, uma evolução. Ainda que na *Centesimus Annus* nos apareça o introito a esta problemática, ou seja, *ecologia humana* relacionada com a família e os bens existenciais, é na *Evangelium Vitae* que o tema é abordado de forma exaustiva. Atendamos ao exemplo que o Papa dá, a partir da cena bíblica entre Caim e Abel, para iniciar a discussão sobre *o eclipse do valor da vida*.

---

<sup>86</sup> *Ibidem*, n.º 39.

<sup>87</sup> Referimo-nos aos sistemas políticos que marcaram a discussão da época. As problemáticas Marxista, Socialista e Capitalista, as questões de mercado ou os direitos dos trabalhadores fazem parte da reflexão que consta entre os números 38 e 43 da *Centesimus Annus*, aos quais reconhecemos a importância reflexiva dado a situação sociopolítica da época, mas sobre os quais não nos detemos dado o referido no corpo do texto.

<sup>88</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Se Queres a Paz, Respeita a Consciência de cada Homem, Mensagem para o XXIV Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. 51, 1.099 (1990) 613-624.

A pergunta que Deus dirige a Caim: “Que fizeste?” (Gn 4,10), é, segundo o Papa, novamente dirigida ao Homem de hoje. O ser humano deve ter consciência das ameaças que, pelo descuido e pela negligência do próprio Homem, eram à época e são hoje um ataque à sã convivência humana e ao respeito pelo valor da vida. Os Homens agridem-se mutuamente, a partir de interesses pessoais ou estruturados, encontra-se diante dos nossos olhos a miséria, a subnutrição ou a fome, os escandalosos mercados e comércios de bens ou até de pessoas, os desequilíbrios ecológicos, no que à biologia estritamente diz respeito, e ainda a criminalidade, a proliferação da utilização de drogas e a promoção de uma sexualidade moralmente inaceitável. Tudo isto ameaça ou camufla o verdadeiro sentido da *ecologia humana* e, claro, pois nela compreendida, a defesa da vida humana e do planeta, nas suas diversas formas de vida.<sup>89</sup>

No número 27 da Carta que seguimos, o Papa recorda a expressão que lhe é mormente conhecida: “civilização do amor e da vida”.<sup>90</sup> Todo o Documento é uma dura constatação da *cultura de morte*, que se fazia e faz presente na sociedade. A beleza da expressão *civilização do amor e da vida* remete-nos para a existência de sinais de esperança que deem frutos na comunidade humana. O Evangelho é todo ele um hino à esperança e, desta feita, era inconcebível que a Igreja, na pessoa de Pedro, não sinalizasse precisamente aquelas que são as formas de lutar contra a *cultura de morte*, e de optar pela *cultura da vida*.

Nesta senda, o Papa saúda “favoravelmente a atenção crescente à *qualidade de vida e à ecologia*.”<sup>91</sup> O Papa constata que pelo fato de as pessoas já não estarem tão concentradas nos problemas da sobrevivência, sobretudo nas sociedades ditas desenvolvidas, há uma procura de um melhoramento daquilo que comumente chamamos de condições de vida. Há na sociedade hodierna um despertar para a reflexão ética sobre a vida, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento da bioética, não estando assim, felizmente, esta matéria somente dependente da reflexão emanada pela Igreja.<sup>92</sup>

No número 42, o Papa recorda novamente a narrativa da criação, presente em *Gen. 2,15*, na qual especificamente é dada ao Homem a responsabilidade de cultivar e guardar o jardim. Deus dá ao Homem a responsabilidade sobre a criação, que o próprio Deus pôs ao serviço da dignidade pessoal do Homem. A *questão ecológica* aparece aqui pela necessidade de termos bem presente que esta reflexão não diz somente respeito ao presente, mas também, às gerações futuras. Desde a preservação das diversas espécies animais até à *ecologia humana* propriamente

---

<sup>89</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae: Evangelho da Vida*, n.º 10. Braga: A. O., 1995.

<sup>90</sup> *Ibidem*, n.º 27.

<sup>91</sup> *Ibidem*, n.º 27.

<sup>92</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 27.

dita,<sup>93</sup> o Homem é permanentemente convidado por Deus a usar da sua liberdade para o bem-fazer.<sup>94</sup>

Já no novo milénio, o Papa convocara uma Assembleia Sinodal, a fim de refletir sobre o papel do bispo na missão da Igreja. No contexto próprio do seu papel, enquanto pastor e guardador de almas, o bispo tem como missão zelar pelo povo que lhe é confiado e conduzi-lo fielmente às verdades da doutrina cristã. Assim, também o Papa, a partir da iniciativa dos Padres Sinodais, viria a recordar na carta exortativa pós-sinodal *Pastores Gregis*, que também os bispos são agentes fundamentais para a promoção de uma autêntica *ecologia humana*:

“Na realidade, «o índice mais profundo e mais grave das implicações morais, situadas na problemática ecológica, é constituído pela falta de respeito pela vida, como se pode verificar em muitos comportamentos inquinantes. Muitas vezes as razões da produção prevalecem sobre a dignidade do trabalhador, e os interesses económicos são postos acima do bem de cada pessoa, senão mesmo acima do bem de populações inteiras. Nestes casos, o inquinamento e a destruição do ambiente são fruto de uma visão redutiva e artificial que, algumas vezes, denota um verdadeiro desprezo do homem.»<sup>95</sup>

Ainda que o documento *Pastores Gregis* seja fundamentalmente sobre o múnus episcopal, ela faz como que uma síntese e um apelo final da temática do que às intervenções de João Paulo II a isto diz respeito. Ainda no número setenta, o Papa apela a uma verdadeira *conversão ecológica*, em que o Homem aprenda a viver corretamente a relação que estabelece com a natureza e com os outros Homens. O Homem está no centro da criação e é “ministro do Criador”.<sup>96</sup>

### 2.3 - “Ecologia Humana” a partir do Magistério de Bento XVI

Ao longo do seu ministério petrino, Bento XVI foi manifestando a sua preocupação pela temática da ecologia, de modo particular no que à intervenção direta do ser humano diz respeito. Para o Papa alemão, a Igreja tem o dever de proteger não apenas o meio ambiente natural ou físico, mas também a natureza humana, que em muito se tem observado estar a usar de tendências autodestrutivas.<sup>97</sup>

---

<sup>93</sup> No que a esta expressão diz respeito, o Documento faz referência da Carta Encíclica *Centesimus Annus*, denotando-se novamente a importância que a Encíclica escrita quatro anos antes tem para a compreensão global do conceito de ecologia e especificamente para aquilo que a nós diz respeito, ou seja, *ecologia humana*.

<sup>94</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae: Evangelho da Vida*, n.º 42.

<sup>95</sup> Informação retirada da fonte aludida na nota de rodapé 52.

<sup>96</sup> Informação retirada da fonte aludida na nota de rodapé 52.

<sup>97</sup> Cf. BENTO XVI, Discurso à Cúria Romana para os bons Votos de Natal, 21 de dezembro de 2009. *L'Osservatore Romano*. 52 2.088 (2009) 8-9.

“Posto que a fé no Criador é parte essencial do Credo cristão, a Igreja não pode nem deve limitar-se a transmitir aos seus fiéis apenas a mensagem da salvação. Tem também a responsabilidade no que se refere à criação, e deve cumprir essa responsabilidade também publicamente”.<sup>98</sup>

Efetivamente, a Igreja busca colaborar na proteção da natureza, contudo, não se deve restringir unicamente à natureza física ou ambiental. Assis, como pastor da Igreja universal, o Papa Bento XVI declara que “a Igreja deve defender não apenas a terra, a água e o ar, como dons da criação que a todos pertence, mas tem igualmente de proteger o Homem contra a autodestruição. Precisamos, diz, de uma espécie de ecologia humana, entendida num sentido reto.”<sup>99</sup>

Qual é, na realidade, o sentido de falar de natureza humana? O Papa é perentório na resposta: “quando a Igreja fala da natureza do ser humano como homem e como mulher e pede que esta ordem da criação seja respeitada, não está a expor uma metafísica ultrapassada. Trata-se de ter fé no Criador e de prestar atenção à linguagem da criação; desprezá-la significaria a autodestruição e, portanto, a destruição da própria obra de Deus.”<sup>100</sup>

Estamos a viver tempos em que o Homem por sua conta e dispor está a querer construir-se a si próprio, mas acaba por viver contra a verdade, vive contra o Espírito Criador.<sup>101</sup>

“Os bosques tropicais merecem decerto ser protegidos; mas não o merece menos o homem como criatura, na qual está impressa uma mensagem que não contradiz a nossa liberdade, antes é condição para ela”.<sup>102</sup>

Merece da nossa parte especial atenção a Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, onde o Papa, ao abordar o tema do desenvolvimento dos povos, lembra que este tema está hoje intimamente ligado à relação do Homem com o ambiente natural.<sup>103</sup> Para casa um dos cristãos, o progresso é fruto da criativa e surpreendente ação de Deus. A natureza que nos é ofertada como ambiente de vida é por si expressão maior do desígnio de amor e de verdade. (cf. Rm 1,20).

Em todos os seus desenvolvimentos, o Homem não pode forçar a natureza; mas, pelo contrário, tem o dever de respeitá-la como obra admirável do Criador. O desenvolvimento humano não pode descurar o encargo que tem perante as gerações presentes ou futuras:

“A ecologia humana é um imperativo. Assim, adotar um estilo de vida que respeita o ambiente, e sustentar a busca e a exploração de energias puras, que respeitem o património da

---

<sup>98</sup> BENTO XVI, A Globalização ao serviço do Desenvolvimento. *L'Osservatore Romano*. 15 2.103 (2010) 2.

<sup>99</sup> *Ibidem*, 2.

<sup>100</sup> *Ibidem*, 2.

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*, 2.

<sup>102</sup> *Ibidem*, 2.

<sup>103</sup> Cf. BENTO XVI, *Caritas in Veritate: A Verdade na Caridade*, n.º 48. Lisboa: Paulus, 2009. Usaremos a sigla CV para nos referirmos a esta Encíclica.

criação e que sejam inofensivas aos seres humanos, devem ser prioridades políticas e económicas.” Há necessidade extrema, afirma o Papa, de “uma mudança de mentalidade” para “chegar rapidamente a um estilo de vida global, que respeite a aliança entre o homem e a natureza, sem a qual a família humana pode desaparecer.”

“Ao homem é lícito exercer um governo responsável sobre a natureza para guardá-la, colocá-la em seu proveito e cultivá-la também com novas formas e com tecnologias avançadas, de modo que ela possa dignamente acolher e nutrir a população que a habita”.<sup>104</sup>

No entanto, nesta ação de que falamos, não é possível de maneira alguma esquecer o “objetivo de reforçar a aliança entre o ser humano e o ambiente, que deve ser espelho do amor criador de Deus, do qual viemos e para o qual caminhamos”.<sup>105</sup>

É facilmente compreensível que “o modo como o homem trata o ambiente interfere sobre o modo como se trata a si mesmo, e vice-versa”. Exige-se uma nova forma de vida, que pede escolhas de consumo, poupança e investimentos, que nos orientem para a procura daquilo que é verdadeiro, belo e bom, em comunhão com os outros seres humanos.<sup>106</sup>

“A Igreja tem uma responsabilidade pela criação”;<sup>107</sup> “deve proteger sobretudo o homem contra a destruição de si mesmo”,<sup>108</sup> pois, “quando a *ecologia humana* é respeitada dentro da sociedade, também a ecologia ambiental é favorecida.”<sup>109</sup>

“Hoje, mais do que nunca, parece-nos claro que o respeito pelo ambiente não pode deixar de lado o reconhecimento do valor da pessoa humana e da sua inviolabilidade, em todas as fases da vida e em todas as condições. O respeito pelo ser humano e o respeito pela natureza são uma coisa só, mas ambos podem crescer e ter a justa medida, se respeitarmos na criação humana e na natureza o Criador e a sua criação.”<sup>110</sup>

Continua o Papa, para explicar que a Igreja está em consonância com a investigação e os avanços científicos, sem esquecer jamais “a marca do Criador em toda a criação, pois assim se compreende melhor a nossa verdadeira e profunda identidade humana”.<sup>111</sup>

Bento XVI assinala, numa mensagem dirigida aos Bispos Brasileiros pela campanha da Fraternidade promovida na quaresma, que a primeira ecologia a ser defendida é a “ecologia humana”, e explica que isto quer dizer que, sem uma clara defesa da própria vida do ser humano, “nunca se poderá falar de uma autêntica defesa do meio ambiente.”<sup>112</sup>

---

<sup>104</sup> CV n.º 49.

<sup>105</sup> *Ibidem*, n.º 50.

<sup>106</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 51.

<sup>107</sup> *Ibidem*, n.º 51.

<sup>108</sup> *Ibidem*, n.º 51.

<sup>109</sup> *Ibidem*, n.º 51.

<sup>110</sup> Bento XVI, *A fim de educar para um estilo de vida responsável em relação à Criação*, 28 de novembro de 2011. *L'Osservatore Romano*. 49 2.189 (2011) 16.

<sup>111</sup> *Ibidem*, 16.

<sup>112</sup> BENTO XVI, *Formar uma consciência ambiental*. *L'Osservatore Romano*. 11 2.151 (2011) 6.

Ao lema, “que faz eco às palavras de São Paulo na Carta aos Romanos, «a criação geme com dores de parto» podemos incluir entre os motivos de tais gemidos o dano provocado na criação pelo egoísmo humano.”

## **2.4- Sistematização do tema no Catecismo da Igreja Católica e no Compêndio da Doutrina Social da Igreja**

### **2.4.1 - *Catecismo da Igreja Católica***

A Igreja procurou tornar acessível e de uma forma sistemática a sua Doutrina a todos os fiéis e aos demais homens e mulheres de boa vontade. Para levar a cabo tão nobre missão, decidiu o Papa João Paulo II que se elaborasse o *Catecismo da Igreja Católica*, no qual constariam as verdades de fé, que sendo sempre a mesma, é simultaneamente *fonte de luzes sempre novas*. Seguindo a exigência do pressuposto anterior, o catecismo atual retoma a ordem tradicional do *Catecismo de São Pio V*: Credo; Sagrada Liturgia; Sacramentos; Agir Cristão; Oração Cristã, expressando este mesmo conteúdo de forma nova e em consonância com as interrogações da nossa época.<sup>113</sup>

Neste sentido, também a questão ecológica, na sua perspectiva integral, encontra os seus fundamentos nas páginas do Catecismo da Igreja Católica.

O nosso objetivo é então perceber que neste corpo textual está presente de forma organizada e catequética muito daquilo que enunciamos e que é parte de Escritura, de Tradição viva e do Magistério da Igreja.

Diz o mais recente *Catecismo da Igreja Católica* que “a criação destina-se e orienta-se para o homem, sendo este imagem de Deus”.<sup>114</sup> Esta ideia, que já nos é tão clara, evidencia novamente o chamamento à responsabilidade do Homem para com o meio ambiente que nos rodeia, e que nos foi destinado e confiado<sup>115</sup>, porque “a criação é querida por Deus, como um dom orientado para o homem, como herança”.<sup>116</sup>

O *Catecismo* continua as suas considerações, afirmando que “Deus é imensamente maior do que todas as suas obras, e que a criação está nas mãos de Deus”.<sup>117</sup> E nesta lógica de

---

<sup>113</sup> Informação retirada da fonte aludida na nota de rodapé 52.

<sup>114</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.º 229.

<sup>115</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 295.

<sup>116</sup> *Ibidem*, n.º 299.

<sup>117</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.º 300.

pensamento, sendo que o Homem é também Sua criatura, e porque destinado a participar livremente na sua Providência, deve colaborar com o criador “dominando” e “completando” a obra da criação. (Gn 1,26-28). Pois Deus lhe concedeu que seja causa inteligente e livre, para completar a dita obra, aperfeiçoando a sua harmonia para seu bem e dos seus semelhantes.<sup>118</sup>

Tal como temos vindo a refletir, a atitude do Homem para com o meio ambiente, deve ser de respeito, cuidado e preservação, tendo em conta todos os seres, sejam eles de maior ou menor importância, valorizando a diversidade e interdependência das criaturas,<sup>119</sup> não levando à exaustão os recursos que nos são fornecidos pela natureza, para que todas as gerações, tanto presentes como futuras, possam usufruir dos bens da criação por igual, pois, de outra forma, isso “significa desrespeito pelo Criador”.<sup>120</sup>

O ser humano completa-se, na medida em que partilha e coabita salutarmente com todas as espécies de criaturas, valorizando e partilhando o património comum que nos é oferecido viver, estabelecendo relações de interdependência entre os homens, e entre estes e o meio ambiente que os rodeia.

Assim é claro que o ser humano, na sua dignidade, não deve isolar-se da natureza, desconsiderando outras formas de vida, uma vez que as incalculáveis diversidades e desigualdades inerentes às criaturas demonstram que estas não se bastam a si próprias.<sup>121</sup>

Como é de notar, o Catecismo elabora a doutrina, que com a nossa matéria em estudo se relaciona, a partir da ideia base de criação, do Deus Criador e do Homem cooperador da mesma.

É sem dúvida um instrumento útil de consulta e estudo para o conhecimento da nossa Fé. É indubitavelmente um meio justo, para todos aqueles que “desejem aprofundar o conhecimento e as riquezas inexauríveis da Salvação.”<sup>122</sup>

#### **2.4.2 - *Compêndio da Doutrina Social da Igreja***

No sentido de “suster e animar a ação dos cristãos no campo social, especialmente dos fiéis leigos,<sup>123</sup>” a Igreja, ao tempo do pontificado do Papa João Paulo II, e sob a responsabilidade

---

<sup>118</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 302, 308.

<sup>119</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 340.

<sup>120</sup> *Ibidem*, n.º 339.

<sup>121</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 340.

<sup>122</sup> Informação retirada da fonte aludida na nota de rodapé 52.

<sup>123</sup> Mensagem de apresentação do Compêndio da Doutrina Social da Igreja do Cardeal Renato Raffaele Martino, Presidente do Conselho Pontifício «Justiça e Paz», in COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, Cascais: Principia, 2005, 19.

do Pontifício Conselho «Justiça e Paz», redigiu o conhecido *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*.

Na sua estrutura, o *Compêndio* apresenta, antes de todos os temas específicos da matéria social, um enquadramento bíblico, depois do qual faz de forma desenvolvida a exposição da Matéria Social, a partir do que sobre a mesma foi dito, geralmente em Documentos do Magistério, seja o Conciliar, o Papal ou outros Documentos emanados pelas Congregações Romanas.

De forma a não tornar repetitivo e redundante a matéria já abordada, pois, como anteriormente dissemos, o conteúdo do *Compêndio* é baseado no Magistério sobre o qual nos debruçamos nos subcapítulos anteriores, apresentaremos somente a estrutura organizativa das matérias apresentadas.

O capítulo X do *Compêndio* é especificamente dedicado à proteção do ambiente. À época da escrita desta suma doutrinal, já é bem claro que a Igreja desenvolveu um pensamento, e sobre ele escreveu, dedicado concretamente ao ambiente e às suas circunstâncias. Como sabemos, a preocupação ecológica é compreendida numa dimensão bastante mais lata do que a estrita proteção ambiental (*bios*); ainda assim, é sumamente importante o tempo dedicado a esta especificidade dentro do tema.

Num segundo momento, depois da reflexão bíblica, o corpo textual aborda a questão do Homem e a sua relação com o universo e com as coisas. Para estas considerações, recorre-se frequentemente à Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* ou aos discursos proferidos por João Paulo II à Academia Pontifícia das Ciências. É também citada abundantemente a Carta Encíclica *Centesimus Annus*.

Num terceiro momento, e como consequência lógica da reflexão anterior, expõem-se as questões que dizem respeito à crise existente na relação “Homem-Ambiente”. Aqui recorda-se o erro da instrumentalização da natureza, apela-se a uma correta conceção do ambiente e à prevalência de uma ética, que valorize o respeito pela vida e a dignidade do Homem, pelas gerações humanas presentes e pelas gerações vindouras.

Um quarto e último ponto diz respeito à chamada responsabilidade comum. Define o ambiente como um bem coletivo, reflete abundantemente sobre o uso das biotecnologias, propõe uma justa partilha dos bens, e apela a *novos estilos de vida*. São abundantes as citações dos discursos para o Dia Mundial da Paz, de João Paulo II, novamente as referências às alocações à Academia das Ciências e uma breve mas importante referência ao texto *Biotecnologias Animais e Vegetais. Novas Fronteiras e Novas Responsabilidades*, emanado pela Pontifícia Academia para a Vida.

O capítulo XI, intitulado *A Promoção da Paz*, merece também a nossa sumária atenção, dado que a forma como entendemos e temos vindo a explicitar o conceito de *Ecologia Integral*. A paz é fruto da justiça e da caridade, é querida por Deus e é possível ser construída no dia-a-dia, a partir do reconhecimento da responsabilidade que cada ser tem na sua promoção, enquanto pessoa individual. Como foi explicitado ao longo deste capítulo, muito daquilo que a Igreja entende por Ecologia está explicitamente ligado às relações que os seres estabelecem entre si, e por conseguinte, à existência ou não de paz entre os mesmos. Desta forma, citámos anteriormente diversas Mensagens para o Dia Mundial da Paz, estando algumas dessas abundantemente presentes no corpo textual do Compêndio.

O *Compêndio* fala-nos na *falência da paz*, afirmando que a guerra «é sempre uma derrota da humanidade»;<sup>124</sup> apresenta algumas reflexões sobre formas de promover a paz, apela à proteção dos inocentes, ao desarmamento, condena veementemente o terrorismo, refletindo ainda sobre a questão da legítima defesa e a posição da Igreja sobre o que a isto diz respeito.

---

<sup>124</sup> JOÃO PAULO II, Discurso ao Corpo Diplomático (13 de janeiro de 2003). *L'Osservatore Romano*. 3 1.727 (2003) 22-32, 6.

### **CAPÍTULO III - *LAUDATO SI'* – A EMERGÊNCIA DO APELO**

O percurso do capítulo anterior levou-nos ao encontro de um período concreto do Magistério Papal sobre o tema. A reflexão, que durante pouco mais de quatro décadas os Papas João Paulo II e Bento XVI emanaram sobre o assunto, acabaria por conduzir a um grande documento, escrito por Sua Santidade o Papa Francisco, a *Laudato Si'*. Fruto certamente da conclusão da emergência da problemática, o Papa Francisco ousou colocar na agenda Petrina, de forma clara e evidente, aquela que foi sempre uma permanente preocupação da Igreja. Contudo, a contemporaneidade exige de facto uma abordagem clara sobre a questão, e a objetividade com que ela é feita pelo Papa Argentino traz novamente o tema para o debate público e para a esfera do emergente. Desta forma, decidimos intitular este capítulo de “*Laudato Si'* - A emergência do Apelo”.

Como poderá ser observado ao longo do texto, este tema havia já sido uma preocupação, sobre a qual nos debruçamos; contudo, na lógica do itinerário deste trabalho era essencial retomar a reflexão anterior, trazendo-a agora à instância da reflexão académica propriamente dita, aprofundando-a numa reflexão sistemática, que conta com o contributo muito pontual do parecer de outros autores, que estudaram a *Laudato Si'* e sobre ela escreveram.

### 3.1 - Perspetiva da Encíclica

No Magistério Papal é comum surgirem alguns documentos, que pela importância da sua temática tenham um maior impacto no leitor, seja ele da esfera crente ou não crente. A *Laudato Si'* é um desses documentos, pela inquestionável provocação que faz aos modelos político-económicos e ao modo de vida da sociedade atual.<sup>125</sup>

A Encíclica, sobre a qual agora nos debruçamos, versa sobre as questões de crise ambiental global e sobre a responsabilidade do ser humano diante da criação. O Papa realça, que existem atitudes que são fatores impeditivos de caminhos de resoluções, “vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas.” Estes fatores, a que podemos chamar fatores de bloqueio, são manifestações claras de uma postura materialista, egocêntrica e, por conseguinte, distante de Deus. É notória a preocupação do Papa, em que o documento alerte para a necessidade de voltar a reconhecer a beleza divina, e desta forma, encontrarmos um caminho possível para a preservação e sã convivência do Homem na casa comum.

Uma problemática destas implica uma pedagogia, que faça jus à dimensão do problema. Por isso, toda a Encíclica procurará ir ao encontro de uma “ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais”.<sup>126</sup>

O Santo padre preocupou-se em apontar a urgência do desafio de proteger o nosso planeta, tendo em vista a união de toda a família humana na busca de um desafio sustentável e integral.<sup>127</sup>

Há no início da Encíclica uma alusão à crise atual da ecologia, a partir de uma série de exemplos, que para o Papa fundamentam a dita crise. Torna-se cada vez mais claro, e Francisco di-lo no documento, que o esgotamento dos recursos naturais, as catástrofes naturais e mudanças climáticas são uma clara chama à atenção. É necessário mudar o tipo de abordagem e “ouvir tanto o clamor da terra, como o clamor dos pobres”.<sup>128</sup>

É em São Francisco de Assis que o Bispo de Roma se inspira, para intitular o documento estudado *Laudato Si'*, ou seja, Louvado sejas; é o “prefixo”, que o Poverello usa na composição do conhecido Cântico das Criaturas.<sup>129</sup>

---

<sup>125</sup> Cf. PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor, “Crise ambiental e crise ético-moral na perspetiva da *Laudato Si'*”, 4.

<sup>126</sup> FRANCISCO, *Laudato Si': Sobre o cuidado da casa comum*, n.º 137. Prior Velho: Paulinas, 2015. Referiremos esta Carta Encíclica com a sigla LS seguida do respetivo número.

<sup>127</sup> Cf. LS n.º 13.

<sup>128</sup> *Ibidem*, n.º 49.

<sup>129</sup> FRANCISCO DE ASSIS, “Cântico das Criaturas”, 1, in *Fontes Franciscanas* I. Braga: Editorial Franciscana, 2005, 81.

No número 15 do Documento, o Papa traça o itinerário do texto, no qual, ainda que não fosse necessário, deixa claro tratar-se de uma matéria inserida no Magistério Social da Igreja. Metodologicamente, o Papa assume que cada capítulo tem “uma temática própria e uma metodologia específica”,<sup>130</sup> às quais se vão juntando questões de forma contínua, que abordam novas perspectivas, com base na reflexão feita nos capítulos anteriores.

No primeiro capítulo, o Papa evidencia de forma clara as alterações que se têm sucedido no nosso planeta, questionando-se, inclusivamente através do próprio título do capítulo, sobre “o que está a acontecer à nossa casa”.<sup>131</sup>

A questão, dita biológica, é tida evidentemente em conta, com exemplos claros como a questão da água, enquanto direito humano fundamental, a preservação da biodiversidade, aquilo a que ele chama a “*dívida ecológica*,”<sup>132</sup> ou seja, a diferença clara que existe entre o norte e o sul do planeta.

Desta forma, o Pontífice deixa claro que estamos diante de uma “ecologia superficial ou aparente, que consolida um certo torpor e uma alegre irresponsabilidade”.<sup>133</sup>

Como não poderia deixar de ser, e já o procurámos evidenciar no primeiro capítulo do nosso trabalho, a Sagrada Escritura oferece um profundo contributo para a questão abordada.

A partir da dinâmica histórica protagonizada pela cultura judaico-cristã, Francisco recorda que esta tradição tem uma “tremenda responsabilidade”.<sup>134</sup> As narrativas da criação são ponto ímpar, para ajudar a compreender a relação do Homem com o mundo que habita. Francisco tem presente, que o Homem é um ser de relação, que estabelece relações com Deus, com o próximo e com o mundo, e que pelo pecado muitas vezes as quebra, entrando em rutura.<sup>135</sup>

Torna-se também clara neste capítulo a reflexão, que anteriormente já tivemos oportunidade de fazer: o Homem não é o dono do mundo. Esta afirmação não deve, de forma nenhuma, levar à errónea interpretação de que todos os seres vivos são iguais, abdicando assim, segundo um pensamento igualitário, da vocação do Homem, enquanto colaborador da obra da criação. É isto o Papa procura evidenciar, quando demonstra a necessidade da procura de uma comunhão universal.

Numa abordagem tripartida, o Papa desenvolve neste terceiro capítulo aquilo a que chama de “a raiz humana da crise ecológica”.<sup>136</sup> A tecnologia, a globalização, a partir do

---

<sup>130</sup> LS n.º 16.

<sup>131</sup> *Ibidem*, n.º 17.

<sup>132</sup> *Ibidem*, n.º 51.

<sup>133</sup> *Ibidem*, n.º 59.

<sup>134</sup> *Ibidem*, n.º 90.

<sup>135</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 66.

<sup>136</sup> *Ibidem*, n.º 71.

paradigma tecnocrático, e a crise do antropocentrismo moderno constituem a estrutura temática do corpo textual. É a partir do diálogo entre a filosofia e as ciências humanas, que Francisco desenvolve a reflexão sobre esta matéria. Reconhece a importância e o contributo da tecnologia, alertando contudo para a possibilidade de, através da mesma tecnologia, se destruir a natureza e de se explorar o ser humano. No que ao ser humano estritamente diz respeito, fica ainda sobreaviso o facto de o paradigma tecnocrático tender a exercer o seu domínio, também sobre a economia e a política.<sup>137</sup> Ainda nesta matéria o Papa realça a importância do trabalho para o Homem, sem que o progresso tecnológico substitua por si só as faculdades da “habilidade” e criatividade humana.

Como tal, se o desenvolvimento tecnológico for privado de um exercício ético constante, dificilmente poderá ser capaz de delimitar as suas próprias capacidades vindo a tornar-se num verdadeiro e sério progresso.

“Quando a técnica ignora os grandes princípios éticos, acaba por considerar legítima qualquer prática. Como vimos neste capítulo, a técnica, separada da ética, dificilmente será capaz de auto limitar o seu poder.”<sup>138</sup>

A limitação ética da atividade humana, não apenas científica, é constantemente reclamada por um verdadeiro humanismo, que não legitima todo o poder. Com isto, conclui-se que, não é pelo facto de uma coisa ser possível de se fazer, que ela é eticamente boa.

Chegamos agora àquilo que podemos considerar o coração da Encíclica. A proposta de Francisco é clara: propor “Uma ecologia integral”.<sup>139</sup> Esta é definida pelo Papa, como sendo aquela ecologia que tem em conta e “integra o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo, e as suas relações com a realidade que o rodeia”.<sup>140</sup> Nesta matéria integra-se a necessária interpelação à política e à economia que, presentes a seu modo nas diversas culturas, têm um papel fundamental na possibilidade da viragem do modo de pensar. A perspectiva integradora, de que fala Francisco, implica a relação entre instituições; pois, “se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana: “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”.<sup>141</sup>

Neste capítulo, o Papa faz ainda referência à chamada justiça intergeracional, a partir da qual a geração atual se responsabiliza pela transmissão daquilo que recebe à geração seguinte.

---

<sup>137</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 109.

<sup>138</sup> *Ibidem*, n.º 136.

<sup>139</sup> *Ibidem*, n.º 95.

<sup>140</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>141</sup> *Ibidem*, n.º 142.

A este respeito, o Papa cita a Carta pastoral *Responsabilidade solidária pelo bem comum*,<sup>142</sup> da Conferência Episcopal Portuguesa, do ano 2003.

No quinto capítulo, o Papa propõe “Algumas linhas de orientação e ação”.<sup>143</sup> Para Francisco é fundamental que construção de um novo caminho, que leve à chamada “ecologia integral”, não passe por medidas de conexão ideológica, superficiais ou reducionistas. Há uma enorme necessidade de um diálogo lato, do qual a Igreja não se pode abster de participar; contudo, “a Igreja não pretende definir as questões científicas, nem substituir-se à política”,<sup>144</sup> deixando o Papa um convite ao “debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum”.<sup>145</sup>

Neste capítulo, o Bispo de Roma procura deixar claro, sob a forma de uma dura crítica, que as entidades internacionais não têm sabido responder às necessidades do problema.

Na sequência disto, o Papa apela claramente a uma permanente honestidade e, a um discernimento político e económico, que levem a um desenvolvimento verdadeiramente integral.<sup>146</sup>

No último capítulo da Encíclica *Laudato Si'*, Francisco sistematiza todo o pensamento anterior e elabora um conjunto de sugestões ou possíveis hábitos, que ajudem a levar a uma conversão do estilo de vida da humanidade hodierna.

Assume com evidente clareza, que a formação e a educação são absolutamente fundamentais, para criar consciências maduras. Logo no início do documento, antecipa aquela que viria a ser uma das conclusões finais: “toda a mudança tem necessidade de motivações e dum caminho educativo”.<sup>147</sup> A Igreja, dentro da sua missão, deverá usar os meios que estão ao seu alcance, por exemplo a catequese ou as escolas; mas, num prisma mais universal, a família, a comunicação, as associações de cidadãos e a política, propriamente dita, têm uma função indispensável na referida formação de consciências.<sup>148</sup>

Para finalizar a Encíclica, o Papa faz uma bela proposta de reflexão, a partir da mensagem estritamente cristã. Percorrendo o pensamento de homens e mulheres da Igreja,

---

<sup>142</sup> Na carta publicada em 2003 a Conferência Episcopal Portuguesa procurou alertar para a necessidade de preservar o bem comum a partir de uma sociedade justa e fraterna. Podemos ler na introdução ao documento: “Criado por Deus para a felicidade, o ser humano encontra na sua dedicação ao bem da comunidade em que se insere os meios para realizar essa felicidade pessoal e social. É missão da Igreja contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa e fraterna, mais responsável e solidária.” Infelizmente o impacto destes documentos locais não têm surtido a reflexão que lhes era merecida. Exemplo dessa mesma necessidade é que já em 2003 a Conferência dos Bispos se tenha debruçado sobre esta matéria. Cf. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/responsabilidade-solidaria-pelo-bem-comum/>. (5 de dezembro de 2017).

<sup>143</sup> LS, n.º 111.

<sup>144</sup> *Ibidem*, n.º 188.

<sup>145</sup> *Ibidem*, n.º 188.

<sup>146</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 185.

<sup>147</sup> *Ibidem*, n.º 15.

<sup>148</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 214.

como São Francisco de Assis, Santa Teresa de Lisieux, ou São João da Cruz, o Pontífice recorda que a conversão ideológica pode ser feita a partir do exemplo destes santos, bem como da vivência sacramental, nomeadamente a celebração da Santa Eucaristia, a qual “une o céu à terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração”.<sup>149</sup>

### 3.2 - Receção e Apelo

No exposto anteriormente neste capítulo, preocupamo-nos em apresentar o pensamento descrito na Encíclica *Laudato Si'*, percorrendo os seis capítulos da mesma, tentando que em breve síntese ficasse claro aquilo que o Papa neles pretende transmitir.

Neste momento do nosso trabalho, achamos por bem fazer uma sistematização da mensagem da citada Encíclica, a partir da receção que teve no mundo Teológico, Social e Político.

Com esta breve sistematização, pretendemos ainda reforçar a ideia da Encíclica *Laudato Si'* enquanto “apelo”, não deixando de passar por uma anotação franciscana que, dado o nosso carisma pessoal, nos é tão grata.

Olhando um pouco para a história do tema que desenvolvemos, podemos inicialmente afirmar que, enquanto o Papa Leão XIII, por exemplo, mexeu com o mundo da sua época, ao publicar a Encíclica *Rerum Novarum*, sobre o mundo do trabalho, o Papa Francisco com a publicação da *Laudato Si'*, volta a criar um certo impacto no mundo sociopolítico, ao questionar o modelo de desenvolvimento que assumimos hoje, para o cuidar da nossa *Casa Comum*.<sup>150</sup>

Inspirado no exemplo de São Francisco de Assis, que é o “exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil”,<sup>151</sup> o Papa procura demonstrar a unidade orgânica que existe entre o trato pelos mais débeis, pobres, o cuidado pela natureza, a necessidade de justiça e a urgente procura e necessidade de paz.

Toda a Encíclica aponta para aquilo a que se pode chamar de uma antropologia desordenada. Esta pode ser vista sobretudo a partir de dois prismas: tanto a partir de um modelo que hipervaloriza o Homem, procurando equipará-lo a Deus, como num modelo contrário, em que há uma hipervalorização do *Bios*, reduzindo o Homem a mais um, entre os seus “pares”. Gabriel Falcão, no seu artigo “*Ecologia integral, Ecologia Humana*”, para além do

---

<sup>149</sup> *Ibidem*, n.º 236.

<sup>150</sup> Cf. PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor, “Crise ambiental e crise ético-moral na perspetiva da *Laudato Si'*”, 4.

<sup>151</sup> LS, 10.

anteriormente referido, recorda-nos ainda, que a citada *hipervalorização do Bios* é deturpadora, no que à relação entre seres diz respeito, pois coloca os animais, propriamente ditos, por exemplo, ao nível do Homem, dando espaço a um relativismo perigoso, que ofusca inclusivamente as obrigações que o Homem tem para com os outros animais. Assim, a problemática dos chamados direitos dos animais é certamente mais uma problemática dos deveres e responsabilidades do Homem.<sup>152</sup>

É curioso o conjunto de expressões utilizadas pelo Santo Padre a este respeito. No que a isto concerne, a expressão *biocentrismo* tem particular impacto. De facto, o Homem parece estar a pôr em causa as suas capacidades, nomeadamente as do conhecimento, liberdade, vontade e responsabilidade.<sup>153</sup>

Esta reflexão leva-nos ao encontro da “Raiz humana da crise ecológica”.<sup>154</sup> A ciência e a técnica estão no centro da questão ecológica; não constituindo o cerne do problema, elas, na sua justa utilização, são sempre parte da solução. Contudo, “o antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano «já não sente a natureza como norma válida nem como um refúgio vivente»”. O Papa, acompanhando o pensamento de Romano Guardini em *Das Ende der Neuzeit (O fim dos tempos modernos)*, vai refletindo sobre a crise do antropocentrismo moderno e as suas naturais consequências. É de constatar que Guardini, citado na *Laudato Si'*, faz uma afirmação que, a nosso ver resume grande parte da problemática a que temos vindo a fazer referência ao longo do trabalho: “A verdade é que «o Homem moderno não foi educado para o uso do poder»”.<sup>155</sup>

Desta forma, a tecnociência acabaria por tornar-se tecnocracia, como se de uma ditadura da Razão se tratasse. Ainda que a ciência possa ser parte de uma solução ecológica, como já afirmámos, ela não é de todo *a solução*. É mesmo enganador e ilusório colocarmos as coisas neste prisma, pois, como reflete o Pontífice no texto contido entre os números 127 e 220, “tudo está em relação”.<sup>156</sup> É um engano isolar as coisas, que naturalmente são conexas.<sup>157</sup>

Neste enredo, podemos correr o risco de novamente associarmos a tecnociência à questão ecológica, no que ao *Bios* exclusivamente diz respeito. Aquilo, a que se pode chamar de *razão instrumental*,<sup>158</sup> constitui um processo de manipulação da realidade, que advém e

---

<sup>152</sup> FALCÃO, José Gabriel, “Ecologia integral, Ecologia do homem”, 10.

<sup>153</sup> Cf. LS n.º 118.

<sup>154</sup> *Ibidem* n.º 7.

<sup>155</sup> *Ibidem* n.º 105.

<sup>156</sup> *Ibidem* n.º 127.

<sup>157</sup> Cf. PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor, “Crise ambiental e crise ético-moral na perspetiva da *Laudato Si'*”, 6.

<sup>158</sup> Atendemos a esta expressão a partir da ideia presente no n.º 107: “é preciso reconhecer que os produtos da técnica são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder. Certas opções, que parecem

promove o individualismo, a concorrência, o mercado sem regras, ou o consumismo. A confiança exclusiva no progresso, tantas vezes conceptualmente adulterado, redundando no perigo de nos vermos órfãos de referências morais, que tornariam a tecnociência num verdadeiro progresso. A *razão instrumental* de que se fala, e que ultrapassa o campo da *Bios*, faz-se sentir, desta forma, em áreas como a economia e a política, promovendo-se modelos económicos injustos, baseados exclusivamente na rentabilidade, traduzindo-se assim numa *cultura de descarte* e num egoísmo, que remete para o antropocentrismo desordenado, já várias vezes referido. Pedem-se assim um justo equilíbrio, onde se valoriza a técnica e progresso, tendo em conta a chamada valorização ética do potencial técnico, indicando caminhos para um real progresso humano.<sup>159</sup>

Em relação com o que foi dito até aqui, o Papa colocará ainda na senda desta problemática a consequência lógica daquilo a que chamamos de *utilização desordenada dos bens*. A acumulação de bens supérfluos e a delapidação dos recursos, por parte dos chamados “privilegiados”, redundando necessariamente num desequilíbrio ecológico óbvio, criando uma pobreza estrutural inevitável. A dimensão moral do problema ecológico torna-se assim evidente, quando deixamos de falar somente numa *poluição ambiental* e passamos a falar também de uma *poluição moral*.<sup>160</sup>

Toda a crise ecológica é reflexo de uma crise ética, cultural e espiritual, compreendendo-se assim que os problemas ambientais são inseparáveis dos contextos e dos demais problemas humanos. Não é de mais reforçar, que as dificuldades existentes no âmbito da ecologia são, na sua maioria, sintomas e não as causas daquilo que é um desvio ético e antropológico, patente nos dias de hoje. Como diz o Papa, no número 48 da *Laudato Si'*, “o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se conjuntamente”. É necessário educar para a reconciliação, é necessário cultivarem-se hábitos de cuidado pela Vida, usar corretamente aquilo de que dispomos, respeitar os ecossistemas locais e proteger as demais criaturas.

A ecologia, enquanto conceito integral, que abarca a diversidade de realidades que observamos ao longo deste trabalho, exige a lógica da educação e da mudança dos chamados estilos de vida. Para Francisco, a família é a célula fundamental para combater o flagelo que vive e que se avizinha agravante, caso não se mude de rumo.<sup>161</sup>

---

puramente instrumentais, na realidade são opções sobre o tipo de vida social que se pretende desenvolver.” *Laudato Si'*, 107.

<sup>159</sup> Cf. FALCÃO, Gabriel José, “Ecologia integral, Ecologia do homem”, 11-12.

<sup>160</sup> Cf. *Ibidem*, 18-19.

<sup>161</sup> Cf. *Ibidem*, 21-23.

Francisco Moreira Bártolo, no seu trabalho *Educar para uma ecologia integral*<sup>162</sup>, toma a lógica de Joaquim Cerqueira Gonçalves e afirma que:

“a educação, e por inerência a educação na dimensão ecológica, não pode ser restringida à alteração de comportamentos nos individuais, mantendo-se uma separação Homem-Natureza, dado que «Enquanto o ser humano não se sentir em consonância ontológica com o universo, tomado este não no sentido de uma universalidade abstrata, mas nas suas diferenciações de sistemas orgânicos regionais, a educação para a ecologia – e não só para esta – dentro da escola será uma contradição, uma vez que os desígnios da instrução, e mesmo da educação, mais apontam para a vitória do ser humano sobre o universo, amoldando estes aos interesses daquele, do que para o desenvolvimento harmónico de um e outro.”<sup>163</sup>

Desta forma, compreende-se que também a escola é um meio fundamental para a educação da chamada ecologia integral.

Na mensagem para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, de 2016, o Papa pede que “usemos de misericórdia para com a nossa casa comum”.<sup>164</sup> Neste sentido, o sucessor de Pedro diz-nos que *a terra clama por respeito*. Salienta que a ecologia integral, que liga os seres humanos diretamente com a criação na sua totalidade, é a forma mais adequada de responder ao problema ecológico. Reconhece o *pecado* do Homem, no que a esta matéria diz respeito, e pede um exame de consciência e o conseqüente arrependimento. Depois disto, a conseqüência lógica é uma mudança de rumo. Neste sentido, o Papa propõe como que uma nova obra de misericórdia: *o cuidado da casa comum*.<sup>165</sup>

A encíclica *Laudato Si'* teve um extraordinário impacto no mundo sociopolítico. O Papa acorreu a diversos encontros com políticos, onde era tema recorrente a necessidade de um imperativo ético de ter um comportamento sustentável. Destes encontros destaca-se a visita à sede das Nações Unidas e a visita à Oficina das Nações Unidas em Nairobi.<sup>166</sup> A nós interessamos particularmente a ideia de desenvolvimento sustentável, que, na sequência das diversas intervenções e do cruzamento sociopolítico da *Laudato Si'*, se podem fazer. Com a ideia de desenvolvimento sustentável, abriu-se o caminho para tornar compatível o progresso e o desenvolvimento humano com a salvaguarda dos recursos naturais. É claramente possível, que haja desenvolvimento económico e tecnológico, mas tendo sempre bem presente que este tem de ser sustentável. Na lógica do documento papal, e certamente das demais instituições civis, este desenvolvimento tem de ser possível e acessível a todas as pessoas do planeta, do presente

---

<sup>162</sup> BÁRTOLO, Francisco Azevedo Moreira, *Educar para uma ecologia integral: Reflexão ética, teológica e didática a partir da unidade letiva, “Ecologias e Valores” do 8º ano do programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia Braga, 2017, 87. Este trabalho foi realizado no âmbito do mestrado em Ciências religiosas constituindo o relatório final da Prática de Ensino, orientado pela Prof.<sup>ª</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda.

<sup>163</sup> *Ibidem*, 87.

<sup>164</sup> FRANCISCO, Dia Mundial De Oração Pelo Cuidado Da Criação. *L'Osservatore Romano*. 36 2.429 (2016) 8.

<sup>165</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

<sup>166</sup> Cf. FRANCISCO, Visita ao Centro Das Nações Unidas em Nairobi (U.N.O.N.). *L'Osservatore Romano*. 49 2.391 (2015) 4.

e do futuro. Fica fora de questão um enriquecimento de uma parte, em detrimento da outra. A realidade tem de ser analisada de forma holística. O Papa, na visita já referida à ONU, deixa claro que não basta ter uma declaração de bons princípios, servindo estes de tranquilizadores de consciências. É necessário que haja um caminho, e que a moral pensada se traduza em atitudes concretas. A *Laudato Si'* provocou vários foros académicos e jornadas de reflexão sobre questões socioambientais.<sup>167</sup>

O ano de 2015 foi um ano claramente dedicado à ecologia de forma magnânima. Para além da publicação da *Laudato Si'*, em maio, e as suas conseqüentes repercussões, já referidas anteriormente, nos meios sociais, políticos e eclesiais, a sociedade civil, pelas mãos das instituições internacionais, como é o caso da ONU, foram ousadas na apresentação de proposta, no que a esta matéria diz respeito. Referimo-nos ao Acordo de Paris, de julho, este dedicado maioritariamente às questões climáticas em si, e ainda à Agenda 2030, de setembro do mesmo ano, aprovada na Cimeira das Nações Unidas, de 25 a 27 de setembro, na sua sede em Nova Iorque. Desta última, apraz-nos destacar alguns dos 17 objetivos definidos. Estão entre eles: a erradicação da pobreza; a erradicação da fome; a saúde de qualidade; a educação de qualidade; a água potável e saneamento; energias renováveis e acessíveis; o trabalho digno e o crescimento económico; a redução das desigualdades; a proteção da vida terrestre e marinha; a ação climática; a produção e consumo sustentáveis; cidades e comunidades sustentáveis; a paz, justiça e instituições eficazes.<sup>168</sup>

Por fim, podemos concluir este capítulo, olhando para o que Isabel Varanda reflete no seu artigo *Da preocupação ecológica como retorno ao Deus Criador*. Neste, a teóloga, que se tem debruçado particularmente sobre questões antropológicas, cosmológicas e ecológicas, conclui que o caminho para obter uma resposta a muito daquilo que aqui fomos refletindo passa por uma *ecosofia cósmica*.

Como vimos acima, a ecologia ambiental prefigura uma ecologia holística, ou seja, alarga-se à casa cósmica comum. Fala-se de *ecosofia*, como que um saber habitar e cuidar a casa. Estamos diante de uma valorização da consciência do saber. A sabedoria é a chave de interpretação e solução do problema. Descentrando-se exclusivamente a questão de um prisma Homem-natureza, abre-se espaço para o caminho da transcendência, compreendendo o humano para além de um humanismo meramente horizontal. “A tradição judaico-cristã reconhece um lugar para Deus na antropologia e na cosmologia.”<sup>169</sup>

---

<sup>167</sup> Cf. ALBAREDA TIANA, Silvia, Aportaciones de la Laudato Si' en el contexto de la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible. *Scripta Theologica*, 48 (2016) 444-447.

<sup>168</sup> Cf. *Agenda 2030 da ONU*. [https://www.unric.org/pt/images/stories/2016/ods\\_2edicao\\_web\\_pages.pdf](https://www.unric.org/pt/images/stories/2016/ods_2edicao_web_pages.pdf) (10 de dezembro 2017).

<sup>169</sup> VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, 305-306.

## CONCLUSÃO

Ao longo do nosso trabalho, procuramos no momento inicial fazer uma introdução temática, a partir da reflexão socio-científica, filosófica e bíblica da matéria em estudo. Nesta senda, compreendemos que o conceito de ecologia integral é sumamente abrangente, e integra um conjunto de áreas de intervenção e reflexão, como a política, a economia, a filosofia, a sociologia, a teologia e a ciência biológica em si mesma.

Assim, procuramos perceber que o conceito evoluiu ao longo da história e, no que ao pensamento eclesial estritamente diz respeito, essa mesma evolução não foi necessariamente gradual, encontrando o seu maior expoente depois dos trabalhos Conciliares, estando, contudo, enquanto conceito holístico, sobretudo presente no Magistério de João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

Francisco protagonizou aquela que foi a consolidação da reflexão sobre esta matéria, na Carta Encíclica *Laudato Si'*. Esta constituiu, como podemos observar no último capítulo, um profundo contributo para o suscitar do debate sobre o tema nas diversas esferas sociais, extrapolando o ambiente eclesial, fazendo com que o Magistério Petri fosse sinal para todos os povos, levando a cabo a missão própria de Pedro que, presidindo à Caridade, segue a lógica evangélica e, não impondo, propõe um caminho que seja possível fazer por todo: crentes, não crentes, Homens de boa vontade.

O segundo capítulo procurou, como já dissemos, ir ao encontro do percurso eclesial sobre o conceito de *ecologia humana*. Percorremos aqueles que nos pareceram ser os textos de referência, que pudessem ser tomados como exemplo do pensamento daqueles que os emanaram. Assim, desde Leão XIII, passando por Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI e o II Concílio do Vaticano, fomos tecendo uma breve resenha histórico-teológica sobre a matéria. Dado que foram abundantes as reflexões sobre o tema no tempo de João Paulo II e de Bento XVI, dedicamos-lhes subcapítulos, de forma a num percurso, não necessariamente cronológico, ir ao encontro do importante contributo que estes dois Pontífices deram para a construção do conceito de *ecologia humana*, e a conseqüente transição para a ideia de ecologia integral, que seria sistematizada e instituída por Francisco. Dizemos instituída, pois consideramos que a ideia de “integralidade” surge, enquanto tal, com a sistematização feita na *Laudato Si'*. Efetivamente, observa-se uma globalização do conceito, para além do Bios, já desde o pontificado de Paulo VI; ainda assim, não é de mais repetir que julgamos ter somente nos dois antecessores de Francisco uma ideia orgânica da matéria que estudamos.

A *Laudato Si'* tem, efetivamente, o mérito de apresentar o pensamento do Magistério precedente, sistematizando-o e convertendo-o num apelo e numa mensagem passível de chegar

a todos. Nela se fala do planeta como casa comum, e vincula-se esta ideia à responsabilidade do cuidado. Aparece claramente a tridimensionalidade do que conhecemos por desenvolvimento sustentável, ou seja, a dimensão social, ambiental e político-económica, ficando claro que há uma relação entre a degradação ambiental, a degradação moral e a pobreza estrutural. Desta forma, compreende-se a ideia de *ecologia integral*. A educação e a *conversão ecológica*, são um dos pontos fundamentais, que constituem o apelo Petrino.

Assim, e segundo uma perspectiva a partir do nosso carisma pessoal (franciscano), concluímos que: o problema da ecologia afeta a humanidade a nível universal, e ao longo dos séculos atingiu visceralmente os ecossistemas, de tal forma que se tornaram irreversíveis algumas modificações, tais como a contaminação dos solos, da água, a destruição da fauna e da flora. A descontrolada utilização da técnica e a lógica do descarte, tantas vezes condenada pelos Papas nos últimos anos, reclama o *aqui e agora*, em contraste com a ética ecológica do *aqui e o depois*, pensando e respeitando as gerações futuras, tendo a consciência de que a terra não nos pertence e que, por isso, a devemos respeitar e cuidar, como sendo a nossa “irmã-madre terra”.<sup>170</sup>

Sendo assim, a nossa relação com toda a criação deve ser de comunhão profunda; não sob forma de domínio, mas sim de harmonia e equilíbrio; não como inimigos, mas como irmãos.

A atitude propriamente franciscana, livre do egocentrismo, que encandeia o ser humano, é caracterizada por uma vivência de amor visceral e cordial, não só entre a humanidade, mas também entre todos os seres; porque, panteísmos à parte, o Deus criador reflete-se num *silêncio sonoro* em tudo e em todos.

O Poverello de Assis é o protótipo da atitude perfeita, no qual encontramos a harmonia, a relação, o encontro e a fraternidade entre o Homem e a mãe-terra, assumindo um *modus vivendi* baseado na santa pobreza e simplicidade.

São Francisco de Assis não nos oferece uma simples ética ambiental, também importante, mas presenteia-nos com algo mais profundo, procurando uma cultura - espiritualidade ecológica, que desabrocha do seu sentimento de fraternidade para com todas as criaturas, animadas ou inanimadas, onde o ser humano valoriza a sua existência e aprende a amar.

O *Cântico das Criaturas* é um “hino” de, e a toda a natureza na sua plenitude; isto é, de todos os seres também materiais e ecossistemas. O amor e a empatia que nele encontramos, manifestado por todas as criaturas também materiais, é um caminho de reencontro entre todos os seres igualmente materiais que foram criados.

---

<sup>170</sup> FRANCISCO DE ASSIS, “*Cântico das Criaturas*”, 9, 81.

A saudação de “irmandade” dada por Francisco a tudo o que existe, não brota naturalmente de um regulamento genético, mas sim de uma alicerçada fé em Deus criador. No santo de Assis, temos o exemplo, vivido e experimentado, de como se deve ser e viver na Casa comum.

A mensagem franciscana procura ajudar todos os habitantes da terra a aprender e a habitar num mundo que lhes é oferecido, provocando uma universal vivência fraterna.

Com este trabalho, procuramos fazer uma reflexão, que está muito associada à nossa sensibilidade e carisma pessoal. Com ele aprendemos e aprofundamos muito as dinâmicas eclesiais, sociais e políticas, para a identificação, combate, resolução de um problema. Neste caso concreto, o da ecologia.

Se, porventura, gostaríamos de deixar neste momento alguma questão em aberto, parece-nos óbvio que o mais oportuno é a procura de pedagogias e meios, para que o problema ecológico seja compreendido na sua dimensão integral, na certeza de que o contributo da Igreja, tal como prova a *Laudato Si'*, é essencial para as dinâmicas de reflexão levadas a cabo pela sociedade hodierna.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA NESTA DISSERTAÇÃO E ESTUDADA PARA A MESMA

### Documentos do Magistério

*Bíblia Sagrada*. 5ªed. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

BENTO XVI, Na verdade, a paz, Mensagem para o XXXIX Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXVI, n.º 51 (1.878) – 17 de dezembro 2005.

\_\_\_\_\_, A pessoa humana, coração da paz, Mensagem para o XL Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXVII, n.º 50 (1.930) – 16 de dezembro 2006.

\_\_\_\_\_, Família humana, comunidade de paz, coração da paz, Mensagem para o XLI Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXVIII, n.º 50 (1.982) – 15 de dezembro 2007.

\_\_\_\_\_, Combater a pobreza, construir a paz, Mensagem para o XLII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXIX, n.º 50 (2.034) – 13 de dezembro 2008.

\_\_\_\_\_, Se queres cultivar a paz, preserva a criação, Mensagem para o XL Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XL, n.º 51 (2.087) – 19 de dezembro 2009.

\_\_\_\_\_, Liberdade religiosa, caminho para a paz, Mensagem para o XLIV Dia Mundial da Paz, in *L'Osservatore Romano*, Ano XLI, n.º 51 (2.139) – 19 de dezembro 2010.

\_\_\_\_\_, Educar os jovens para a justiça e a paz, Mensagem para o XLV Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XLII, n.º 51 (2.191) – 17 de dezembro 2011.

\_\_\_\_\_, Bem-aventurados os obreiros da paz, Mensagem para o XLVI Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XLIII, n.º 50 (2.242) – 15 de dezembro 2012.

\_\_\_\_\_, Discurso à Cúria Romana para os bons Votos de Natal, *L'Osservatore Romano*. 52 2.088 (2009) - 21 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_, A Globalização ao serviço do Desenvolvimento. *L'Osservatore Romano*. 15 2.103 (2010).

\_\_\_\_\_, *Caritas in Veritate: A Verdade na Caridade*, Lisboa: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_, A fim de educar para um estilo de vida responsável em relação à Criação, *L'Osservatore Romano*. 49 2.189 (2011) - 28 de novembro de 2011.

\_\_\_\_\_, Formar uma consciência ambiental. *L'Osservatore Romano*. 11 2.151 (2011).

II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo contemporâneo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra. 2ª ed. 1999.

FRANCISCO, Fraternidade, fundamento e caminho para a paz, Mensagem para o XLVII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XLIV, n.º 50 (2.292) – 12 de dezembro 2013.

\_\_\_\_\_, Já não escravos, mas irmãos, Mensagem para o XLVIII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XLV, n.º 50 (2.342) – 11 de dezembro 2014.

\_\_\_\_\_, Vence a indiferença e conquista a paz, Mensagem para o XLIX Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XLVI, n.º 51/52 (2.393) – 17-24 de dezembro 2015.

\_\_\_\_\_, A não-violência: estilo de uma política para a paz, Mensagem para o L Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XLVII, n.º 50 (2.443) – 15 de dezembro 2016, 10/11.

\_\_\_\_\_, Dia Mundial De Oração Pelo Cuidado Da Criação. *L'Osservatore Romano*. Ano XLVII, n.º 36 (2.429), 8 de setembro de 2016.

\_\_\_\_\_, Visita ao Centro Das Nações Unidas em Nairobi (U.N.O.N.). *L'Osservatore Romano*. Ano XLVI, n.º 49 (2.391), 3 de dezembro de 2015.

\_\_\_\_\_, *Laudato Si': Louvado Sejas*. Prior Velho: Paulinas, 2015.

IGREJA CATÓLICA: CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009.

JOÃO PAULO II, *A Paz é um valor sem fronteiras, Norte – Sul, Leste – Oeste: uma só Paz. Mensagem para o XIX Dia Mundial da Paz. L'Osservatore Romano*. Edição Semanal em Português. Ano XVI, n.º 51 (839) – 22 de dezembro 1985.

\_\_\_\_\_, Desenvolvimento e Solidariedade, duas chaves para a paz, Mensagem para o XX Dia Mundial da Paz. n.º *Osservatore Romano*. Edição Semanal em Português. Ano XVII, n.º 51 (891) – 21 de dezembro de 1986.

\_\_\_\_\_, Liberdade religiosa, Condição para a convivência pacífica, Mensagem para o XXI Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XVII, n.º 52 (944) – 27 de dezembro 1987.

\_\_\_\_\_, Para construir a paz, respeitar as minorias, Mensagem para o XXII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XIX, n.º 51 (995) – 18 de dezembro 1988.

\_\_\_\_\_, Paz com Deus, Paz com toda a Criação, Mensagem para o XXIII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XX, n.º 51 (1.047) – 17 de dezembro 1989.

\_\_\_\_\_, Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem, Mensagem para o XXIV Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXI, n.º 51 (1.099) – 23 de dezembro 1990.

\_\_\_\_\_, Os crentes unidos na construção da paz, Mensagem para o XXV Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXII, n.º 50 (1.050) – 15 de dezembro 1991.

\_\_\_\_\_, Se queres a paz, vai ao encontro dos pobres, Mensagem para o XXVI Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXIII, n.º 51-52 (1.103) – 20-27 de dezembro 1992.

\_\_\_\_\_, Da família nasce a paz da família humana, Mensagem para o XXVII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXIV, n.º 51 (1.254) – 19 de dezembro 1993.

\_\_\_\_\_, Mulher: educadora da paz, Mensagem para o XXVIII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXV, n.º 50 (1.305) – 10 de dezembro 1994.

\_\_\_\_\_, Dêmos às crianças um futuro de Paz, Mensagem para o XXIX Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXVI, n.º 50 (1.358) – 16 de dezembro 1995.

\_\_\_\_\_, Oferece o perdão, recebe a paz, Mensagem para o XXX Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXVII, n.º 51 (1.410) – 21 de dezembro 1996.

\_\_\_\_\_, Da justiça de cada um nasce a paz para todos, Mensagem para o XXXI Dia Mundial da Paz, in *L'Osservatore Romano*, Ano XXVIII, n.º 51 (1.462) – 20 de dezembro 1995.

\_\_\_\_\_, No respeito dos direitos humanos, o segredo da verdadeira paz, Mensagem para o XXXII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXIX, n.º 51 (1.514) – 19 de dezembro 1998.

\_\_\_\_\_, Paz na terra aos homens, que Deus ama, Mensagem para o XXXIII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXX, n.º 51 (1.5666) – 18 de dezembro 1999.

\_\_\_\_\_, Diálogo entre as culturas, para uma civilização do amor e da paz, Mensagem para o XXXIV Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXI, n.º 52 (1.619) – 23 de dezembro 2000.

\_\_\_\_\_, Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão, Mensagem para o XXXV Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXII, n.º 50 (1.670) – 15 de dezembro 2001.

\_\_\_\_\_, Pacem in Terris: um compromisso permanente, Mensagem para o XXXVI Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXIII, n.º 51 (1.723) – 21 de dezembro 2002.

\_\_\_\_\_, Um compromisso sempre atual: Educar para a paz, Mensagem para o XXXVII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXIV, n.º 51 (1.775) – 20 de dezembro 2003.

\_\_\_\_\_, Não te deixes vencer pelo mal, vence o mal com o bem, Mensagem para o XXXVIII Dia Mundial da Paz. *L'Osservatore Romano*. Ano XXXV, n.º 51 (1.827) – 18 de dezembro 2004.

\_\_\_\_\_, Discurso ao Corpo Diplomático (13 de janeiro de 2003). *L'Osservatore Romano*. Ano XXXIV, n.º 3 (1.727) – 18 de dezembro 2003.

\_\_\_\_\_, *Christifideles Laici: Os Fiéis Leigos*. Lisboa: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_, *Redemptor hominis: Redentor do Homem*. Braga: A. O. Braga, 1979.

\_\_\_\_\_, *Evangelium Vitae: Evangelho da Vida*. Braga: A. O. Braga, 1995.

\_\_\_\_\_, *Centesimus annus: Centésimo ano*. Lisboa: Paulista, 1991.

\_\_\_\_\_, *Fidei Depositum*. *AAS* 2: 2 (1992), 6-12.

\_\_\_\_\_, *Pastores Gregis*. *AAS* 96: 12 (2004), 825-924.

\_\_\_\_\_, *Appropinquat iam synodus*". In *Enchiridion Vaticanum*, 7, (1981).

\_\_\_\_\_, *Laborem Exercens: O Trabalho humano*. Lisboa: Paulistas, 1989.

\_\_\_\_\_, *Sollicitudo Rei Socialis: A Solicitude Social da Igreja*. Lisboa: Paulistas, 1988.

JOÃO XXIII, *Pacem In Terris: Paz na Terra*. Lisboa: Paulistas, 1990.

\_\_\_\_\_, *Mater et Magistra: Mãe e Mestra*. Lisboa: Paulistas, 1990.

LEÃO XIII, *Rerum Novarum*. Viseu: Rei dos Livros, 1991.

PAULO VI, *Populorum Progressio: O Desenvolvimento dos Povos*. Lisboa: Paulistas, 1989.

PIO XI, *Quadragesimo Anno*. Viseu: Rei dos Livros, 1991.

### **Bibliografia complementar**

ALBAREDA TIANA, Silvia, “Aportaciones de la Laudato Si’ en el contexto de la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible”. *Scripta Theologica*. 48 (2016) 443-462.

AZEVEDO, David, *S. Francisco fé e vida*. 2ª ed. Braga: Editorial Franciscana, 2003.

BÁRTOLO, Francisco, *Educar para uma ecologia integral. Reflexão ética, teológica e didática a partir da unidade letiva, “Ecologias e Valores” do 8º ano do programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia Braga, 2017.

BENTO XVI, *Para uma ecologia do ser humano. Antologia de Textos*. Braga: Editorial Franciscana, 2013.

\_\_\_\_\_, *Luz do Mundo, O Papa a Igreja e os sinais dos tempos, Uma conversa com Peter Seewald*. Cascais: Lucerna, 2010.

BERGOGLIO, Jorge Mario. “Educar um compromisso compartilhado. Mensaje del Arzobispo de Buenos Aires, Cardenal Jorge Mario Bergoglio, a las Comunidades Educativas.” (2007).

BOFF, Leonardo, *Francisco de Assis: O Homem do Paraíso*. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

- CARBAJO NÚÑEZ, Martín, *Ecologia Franciscana, Raízes da Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco*. Braga: Editorial Franciscana, 2016.
- CERQUEIRA GONÇALVES, Joaquim, *Cosmologia*. in MERINO, José; FRESNEDA, Francisco, *Manual de Filosofia Franciscana*. Madrid: BAC, 2001.
- CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Lda., 2005.
- COUTO, António, *Pentateuco. Caminho de Vida Agraciada*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- AAVV, *Criação e evolução: Uma Jornada com o Papa Bento XVI em Castel Gandolfo*. Stephan Otto Horn, edit. Lisboa: Universidade Católica, 2007.
- DOMINGO, Agustín, *Ecologia y solidaridad: de la ebriedad tecnológica y la sobriedad ecológica*. Santander: Sal Terrae, 1991.
- DUQUE, João Manuel. “Sobre a Educação Integral do Ser Humano”. *Pastoral catequética*, 26 (2013) 11-21.
- GAFFO, Javier, *Bioética Teológica*. 3ª ed. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2003.
- GONÇALVES, Joaquim Cerqueira. “Globalização e Ecologia.” *Communio*. 4 (2000) 341-56.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL SANTABÁRBARA, Luis. “Laudato Si' en el Marco de la Doctrina Social de la Iglesia”. *Razón y fe*. 272 1404 (2015) 261-671.
- \_\_\_\_\_, *Entre la utopía y la realidad. Curso de Moral Social*. Santander: Sal Terrae, 1998, 181.
- LÁZARO PULIDO, Manuel, “Un lema bonaventuriano: “Jesucristo y Bien”. La Creación como lugar del amor de Dios”. *Salmanticensis*, 58 (2011), 235-255.

- LLANO, Alejandro, “El cuidado de la naturaleza, refugio viviente”. *Scripta Theologica*. 48 (2016) 429-441.
- MAGALHÃES, Vasco Pinto, “Qualidade de vida na Laudato Si’”. *Brotéria*, 185, (2017).
- MARCEL, Gabriel. *Homo Viator. Prolegómenos a Una Metafísica de la Esperanza*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- MARCONDES, Danilo, “Aristóteles: ética, ser humano e natureza”, in Coleção para todos, pensar o ambiente, bases filosóficas para a educação ambiental. <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>.
- MASIÁ CLAVEL, Juan, *Ser humano, persona y dignidad*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2015.
- MERINO, José António; FRESNEDA, Francisco, coord., *Manual de Filosofia Franciscana*, Madrid: BAC, 2001.
- PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor, “Crise ambiental e crise ético-moral na perspetiva da Laudato Si’”. *Revista ibero-americana de Bioética* (2017).
- RATZINGER, Joseph, *Europa: os seus fundamentos hoje e amanhã*. Apelação: Paulus, 2015.
- \_\_\_\_\_, *No princípio Deus criou o Céu e a Terra*. Cascais: Principia, 2013.
- \_\_\_\_\_, *A Teologia da história de São Boaventura*. Braga: Editorial Franciscana, 2010.
- RODRIGUES, Fernando Mendes Barbosa. *Ecoética em Construção: Sobre a Contribuição do Cristianismo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2008.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis, *Teología de la Creación*, 2ª ed, Santander: Sal Terrae, 1986.
- FRANCISCO DE ASSIS, *Fontes Franciscanas I*. Braga: Editorial Franciscana, 2005.

TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*. 2ªed. S. Paulo: Loyola, 2009, vol. 8.

TORRE DÍAZ, Javier de la, *Dignidad humana y bioética*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2008.

VARANDA, Isabel, “A Ecologia como chave hermenêutica da Criação e da Evolução”. *Theologica*, 2ª série, 45: 2 (2010), 453-464.

\_\_\_\_\_, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador”, *Theologica*. 2ª Série, 38: 2 (2003), 287-306.

\_\_\_\_\_, “Deus, história, cosmo”. *Didaskalia*. 37: 2 (2007), 79-95.

VAZ, Armindo dos Santos. “Ecologia Integral a Partir de Gn 1.” *Theologica* 51: 1 (2016) 51-67.

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	2
<b>ABSTRACT</b> .....	2
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	3
<b>CAPÍTULO I - SITUAÇÃO ATUAL DO PROBLEMA</b> .....	5
1.1 - Aproximação conceptual à problemática da ecologia .....	6
1.2 - Uma perspectiva Bíblica.....	13
1.3 - Da questão da dignidade do Ser humano, à questão da ecologia humana .....	15
<b>CAPÍTULO II – O PERCURSO E A REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE “ECOLOGIA HUMANA” NO MAGISTÉRIO PAPAL E A SUA CONSEQUENTE SISTEMATIZAÇÃO</b> .....	18
2.1 - Despontar do conceito “ecologia humana” no Magistério até João Paulo II ....	19
2.2- Ecologia Humana a partir do Magistério de João Paulo II.....	24
2.3 - “Ecologia Humana” a partir do Magistério de Bento XVI.....	31
2.4- Sistematização do tema no Catecismo da Igreja Católica e no Compêndio da Doutrina Social da Igreja .....	34
2.4.1 - Catecismo da Igreja Católica.....	34
2.4.2 - Compêndio da Doutrina Social da Igreja .....	35
<b>CAPÍTULO III - <i>LAUDATO SI'</i> – A EMERGÊNCIA DO APELO</b> .....	38
3.1 - Perspetiva da Encíclica .....	39
3.2 - Receção e Apelo .....	43
<b>CONCLUSÃO</b> .....	48
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	51
Documentos do Magistério .....	51
Bibliografia complementar.....	56
<b>ÍNDICE</b> .....	60